

# A RELAÇÃO ENTRE O SUCESSO DAS OPERAÇÕES DE DESINFORMAÇÃO E O CONFLITO ARMADO: ESTUDO DE CASO DA RÚSSIA NO SÉCULO XXI

## *THE RELATIONSHIP BETWEEN SUCCESSFUL DISINFORMATION OPERATIONS AND ARMED CONFLICT: CASE STUDY OF RUSSIA IN THE 21ST CENTURY*

**Ivane Gaspar Domingues**

Mestre em Guerra da Informação  
Academia Militar  
ivanedomingues@gmail.com

**Luís Mendonça Dias**

PhD em Segurança da Informação  
Investigador do Centro de Investigação da Academia Militar Portuguesa (CINAMIL)  
luisfxdias.cybsec@gmail.com

**José Serra da Silva**

PhD em Engenharia Eletrotécnica  
Professor Associado com Agregação da Academia Militar  
Investigador do Centro de Investigação da Academia Militar Portuguesa (CINAMIL)  
jose.silva@academiamilitar.pt

### **Resumo**

A Rússia procurou, desde a queda da União Soviética, recuperar o poder de influência sobre os países que constituíam aquela união política por meio de ferramentas políticas, de informação, económicas, energéticas, étnicas e religiosas. Os dois casos em estudo neste trabalho, as invasões armadas da Geórgia em 2008 e da Crimeia em 2014, constituem-se únicos por serem territórios que a Rússia afirma fazerem parte da sua área de influência e sobre os quais utilizou meios militares convencionais para materializar esta reivindicação. A rápida execução militar e cumprimento dos objetivos militares e políticos não pode ser dissociada das restantes operações, ditas não convencionais. Assim procurámos neste trabalho abordar as operações no domínio da informação, o impacto que tiveram nos territórios em estudo e as consequências imediatamente após os conflitos. Foi possível aferir que as operações de informação tiveram impacto na preparação do terreno pelo convencimento das populações locais da justiça da narrativa russa, criação de organizações e grupos de cidadãos afetos às reivindicações russas, corrupção das estruturas políticas e sociais e desmoralização das forças de segurança e defesa adversárias.

**Como citar este artigo:** Domingues, I. G., Dias L. M. & Silva, J. S., (2024). A Relação entre o Sucesso das Operações de Desinformação e o Conflito Armado: Estudo de Caso da Rússia no Século XXI. *Revista de Ciências Militares*, maio, XII(1), 193-224. Retirado de <https://www.ium.pt/publist/1>

**Palavras-Chave:** Guerra de informação; Desinformação; Rússia; Crimeia; Geórgia.

### **Abstract**

*Since the fall of the Soviet Union, Russia has sought to regain influence over the former countries of that political union using political, information, economic, energy, ethnic and religious tools. The two cases analysed in this paper – the armed invasions of Georgia in 2008 and Crimea in 2014 – are unique in the sense that they are territories which Russia claims are in its area of influence, and over which it has used conventional military means to stake those claims. Rapid execution of military operations and the fulfilment of military and political objectives cannot be separated from other so-called unconventional operations. In this study, we analyse information operations, their impact on the territories in question and the immediate consequences of the conflicts. The findings showed that information operations helped prepare the ground by persuading local populations that the Russian narrative was justified, creating organisations and groups of citizens sympathetic to Russian demands, corrupting political and social structures and demoralising the opposing security and defence forces.*

**Keywords:** Information warfare; Disinformation; Russia; Crimea; Georgia.

## **1. Introdução**

A invasão da Ucrânia a fevereiro de 2022 estilhaçou o relacionamento da Rússia com os Estados vizinhos, o equilíbrio de forças internacional e abriu as portas a nova discussão, porventura, entendimento, sobre o uso de força militar em larga escala em pleno século XXI. As imagens do rápido avanço das colunas militares russas em solo ucraniano, na concretização da maior operação militar na Europa desde a segunda guerra mundial, chocaram as audiências globais com particular destaque aos países vizinhos e democracias ocidentais. Parte da explicação desta perplexidade reside na percepção liberal singela da caducidade ou obsolescência do emprego de força militar convencional para o cumprimento de objetivos políticos, em particular junto dos países-membros da União Europeia (UE), resvalando as respetivas opções de política externa para uma posição de indiferença ou incapacidade face a violações territoriais de Estados soberanos com fronteiras globalmente reconhecidas, designadamente os casos da Geórgia, em 2008 e da Ucrânia, em 2014.

Vários autores relacionam a ocorrência da invasão a larga-escala da Ucrânia, em 2022, com a inação ocidental às operações-relâmpago russas, em 2008 e 2014, e argumentam que a parcimónia dos adversários da Rússia poderá ter estimulado o recrudescimento de agressões russas em zonas que considera sob sua influência (Thomas, 2015, p. 373; Zinets & Vasovic, 2022). A par desta percepção, diversos autores afirmam que as operações de informação levadas a cabo pela Rússia nos territórios-alvo, na população residente na Rússia e da diáspora russa, principalmente na Europa e, por fim, da audiência global tiveram um impacto significativo no sucesso operacional das operações militares *stricto sensu* (Kivirähk, et al., 2010, p. 313; Rác, 2015, p. 82). Por conseguinte, além da eficaz utilização dos recursos

militares convencionais naqueles conflitos, é fundamental e objetivo da presente investigação avaliar os meios e estratégias empregues pela Rússia para influenciar a população, órgãos de comunicação social, tecido empresarial, políticos e forças armadas dos territórios-alvo antes do despoletar das ações armadas e possível impacto no desenrolar do conflito militar, por forma a responder à pergunta de partida: que relação se pode estabelecer entre o sucesso das ações de desinformação e o sucesso nas operações convencionais?

A escolha do tema do presente artigo é justificada pela importância que a intervenção da Rússia teve na Geórgia, em 2008, pela inesperada anexação da Península da Crimeia e total impotência da Ucrânia em responder àquela operação e pela influência que estas operações, em sintonia com meios não convencionais, tiveram na preparação e execução da invasão em 2022. Para compreensão daquelas intervenções é fundamental contextualizar a relação da Rússia com os territórios-alvo e países afetados, elencar as vulnerabilidades das respetivas estruturas sociais, políticas, económicas e militares e as capacidades que a Rússia procurou desenvolver para o aproveitamento destas fraquezas no período que antecedeu e durante as intervenções armadas. Por outro lado, procurámos avaliar a evolução das políticas públicas e investimentos privados no setor mediático procurando avaliar o seu impacto potencial na influência na opinião pública local, nos territórios afetados, e global, dirigido ao público internacional.

A narrativa russa foi cuidadosamente selecionada e propagada, não apenas, nos territórios em estudo, mas também nas restantes ex-repúblicas soviéticas, ao longo de décadas, pela numerosa comunidade expatriada, preponderância dos *media* russos ou políticos, associações e grupos de interesse pró-russos.

Assim identificámos os atores e alvos em ambos lados da contenda no complexo domínio da informação (político-legislativo, diplomático, *intelligence*, militar, social e económico), o papel que desempenharam na preparação do “terreno mediático” pré-conflito e no campo de batalha de informação durante a execução das operações militares convencionais.

Por meio de uma metodologia baseada na revisão de literatura disponível, procurámos oferecer uma abordagem comparativa singular entre 2 conflitos raras vezes confrontados e a avaliação do impacto e evolução de meios de informação no sucesso das operações militares. Começamos pela apresentação do enquadramento teórico, com destaque para os conceitos de poder, informação, guerra política e híbrida e desinformação seguido da metodologia empregue para alcançar os resultados da investigação. De seguida apresentamos em detalhe as operações de informação e discutimos os resultados obtidos sobre o impacto das operações de desinformação nos casos em estudo.

## 2. Enquadramento teórico

A análise de qualquer conflito, seja militar, político ou de outra ordem sociopolítica, requer o estudo das relações de poder das entidades envolvidas. A definição de poder clássica e comumente aceite na sociologia é trazida por Max Weber que define poder como “a probabilidade de impor a própria vontade dentro de uma relação social, mesmo contra toda a resistência e qualquer que seja o fundamento dessa probabilidade” (Weber, 1978, p. 53). Por outro lado, segundo Gunneriusson e Bachmann (2017) o poder pode ser definido como a

“vontade e capacidade de agir, se estão reunidos estes dois elementos, então existe poder em determinada situação. O poder requer a capacidade de avaliar determinada situação baseada em informação mais ou menos exata”. A materialidade da manifestação e exercício do poder com base em informação é de particular importância num domínio imaterial onde os dados existentes não correspondem, frequentes vezes, à realidade.

Por último, incluímos uma definição baseada no conceito de propriedade, ou seja, o poder estratégico para determinado país ter a capacidade para proteger ou ganhar os direitos de propriedade dentro e fora das suas fronteiras. Por conseguinte, a percepção do poder é muitas vezes tão relevante quanto o poder real pois a vontade e moral nacional, quando transpostas pelas lideranças em determinação para a ação, podem ser mais importantes que os fatores de poder materiais conjuntos (Demarest, 2009, p. 230-232).

No âmbito desta investigação importa definir o objeto de estudo mais elementar em contenda, a informação, que, segundo António de Jesus Bispo (2004) é “o conjunto de dados colocados num contexto, relacionados com o espaço, o tempo, o cenário da ação”, Arquilla e Ronfeldt (1993, p. 25) afirmam que a informação está a tornar-se nos dias de hoje num recurso estratégico tão importante quanto o capital e o trabalho na era industrial. António Bispo esclarece ainda que “a Guerra de informação é a guerra na Sociedade de Informação, e entre sociedades de informação, existe de forma permanente naquelas sociedades onde se manifesta uma grande dependência das tecnologias de informação.” (Bispo, 2004, p. 97)

A doutrina de segurança nacional e elites políticas russas adotaram a abordagem a partir da qual os meios não cinéticos, tais como operações de informação, operações de engenharia social, propaganda, comportamento antissocial e violento, exercícios militares, influência sobre meios de comunicação, sabotagem política, pressão económica, subversão e demais meios de influência, tornam-se substitutos da força e não o seu presságio (Akimenko & Giles, 2020, p. 67; Covington, 2019, p. 98; Darczewska, 2014, p. 30; DeBenedictis, 2022, p. 55 ; Galleoti, 2019a, p. 2; Levin Jaitner, 2015, p. 88; Lucas, 2019; Pomerantsev & Weiss, 2014, p. 12; Seely & Jonsson, 2015, p. 4). Como referem Checkinov e Bogdanov (2012, p. 17), os meios de influência no domínio de informação atingiram perfeição tal que o seu uso permite cumprir funções estratégicas e que, futuramente, qualquer vitória em situação de conflito será obtida por meio de superioridade de informação sobre o campo adversário.

A condução destas operações de informação na doutrina russa pode ser dividida em dois meios principais: técnico, as operações são dirigidas aos sistemas técnicos que recebem, processam e transmitem informação tendo lugar durante conflitos armados; e psicológico, quando o conflito no domínio de informação é um confronto com o fim de danificar sistemas de informação e processos para fragilizar o sistema político, económico e social e manipular a percepção da população para desestabilizar a sociedade, as Forças Armadas (FA) e o Estado, estas operações têm lugar continuamente, em tempos de guerra ou paz (Arold, 2016, p. 17; Giles & Seaboyer, 2019, p. 10; Seely & Jonsson, 2015, p. 12).

A doutrina ou escolas de defesa ocidentais produziram múltiplos conceitos para articular esta complexa realidade, desde guerra política, “emprego de todos os meios disponíveis a uma nação, exceto a guerra, para alcançar objetivos nacionais” conforme definido por George

Kennan em 1948, guerra assimétrica, uma ideia estratégica militar que promete uma solução eficiente em termos de custos para a dissuasão estratégica contra uma ameaça percebida (Kennan, 1948) ou guerra híbrida, termo formulado pelo Major William Nemeth (Rácz, 2015, p. 28), definida como a utilização de ferramentas militares e não militares numa campanha integrada projetada para alcançar surpresa, ganhar iniciativa e obter vantagens psicológicas e físicas utilizando meios diplomáticos; operações de informação, eletrônicas e cibernéticas sofisticadas e rápidas, ações militares e de inteligência encobertas e, ocasionalmente, manifestas e pressão econômica (Kukkola et al., 2019, p.23).

Importa ainda definir o conceito de desinformação, segundo a East StratCom Task Force trata-se de “informação falsa, ou que induz em erro, verificável que é criada, apresentada e disseminada para um ganho econômico ou para enganar o público podendo causar mal público” (Comissão Europeia, 2020).

Por último, destacamos que as operações de *dezinformatsia* (desinformação) e *aktivniye meropriyatiya* (active measures) russas incluem a negação no envolvimento ou participação num conflito em curso, havendo mesmo provas irrefutáveis do contrário (DeBenedictis, 2022, p.56; Seely & Jonsson, 2015). Estas operações quando dirigidas ao público manifestam-se através da criação e difusão de múltiplas narrativas sobre um mesmo evento, frequentemente contraditórias, confundem a audiência-alvo, por norma estrangeira. Assim, o efeito pretendido com estas narrativas não é persuadir mas sim criar histórias conspirativas e falsidades, muitas vezes baseadas em meias-verdades e informação tida por verdadeira *a priori* (Pomerantsev & Weiss, 2014, p. 6). A elevada quantidade de informação contraditória cria um ambiente de confusão, levando parte do público a ceder à pressão cognitiva permanecendo indiferente ou afastado, no essencial, corrói as fundações das sociedades abertas, não apenas para as vítimas como também para os perpetradores, quando estes últimos empenham meios de decepção sistemática, em larga escala e durante longo período, e otimizam a sua cultura organizacional para este fim estes atores debilitam a legitimidade da própria administração pública (Rid, 2021, p. 11).

### 3. Metodologia

Esta investigação, de natureza qualitativa e com uma abordagem hipotético-dedutiva, debruça-se sobre dois estudos de caso concretos, foi efetuada através da recolha e análise de informação documental de obras, artigos científicos e jornalísticos, de forma a observar o universo em estudo e inferir os resultados iniciais que servirão de ponto de partida para a concretização do trabalho (Freixo, 2011).

Ao longo da investigação procurámos investigar artigos de ambos lados dos conflitos e de fontes sem relação direta com nenhuma (geralmente ocidentais). Também consultámos fontes pró-russas tais como os jornais e revista online *RT*, *Sputnik*, *Pravda*, *RIANovosti* e *Ruptly*, organização de investigação Global Research, o blog e jornal online “Primavera Russa”.

Do lado ucraniano acedemos a diversas plataformas de *fact-checking* como o *stopfake.org*, sítios de notícias públicos da Crimeia como a *Suspilne Crimea* e organizações jornalísticas não governamentais tais como *Detector Media* e *Euromaidan Press* ou *Bellingcat*.

A avaliação da relação entre as operações de informação ofensivas e defensivas nos públicos-alvo e a manipulação da opinião pública foi efetuada pela medição da percepção pública dos eventos em estudo por meio de inquéritos e sondagens, designadamente:

- Acesso a estudos de opinião e inquéritos efetuado pelo Centro de Análise Levada (*Levada-Center*), organização não-governamental que monitoriza a opinião pública na Rússia;
- Consulta dos inquéritos de opinião efetuados pelo *International Republican Institute* (IRI) junto da população Geórgia e da Ucrânia (em particular na península da Crimeia);
- Utilização dos recursos dos Centros de Recursos de Pesquisa do Cáucaso (CRRC), uma rede de pesquisa, recursos e centros de treino estabelecida nas capitais da Arménia, Azerbaijão e Geórgia em 2003 com o propósito de fortalecer a investigação em ciências sociais e análise de políticas públicas no Sul do Cáucaso;
- Uso dos relatórios anuais emitidos pelo *Razumkov Centre*, *think-tank* não governamental ucraniano que conduz investigações sobre políticas públicas;
- Uso dos inquéritos do Instituto Internacional de Sociologia de Kiev (KIIS) que efetua consultas à população ucraniana em diversos indicadores sociais, económicos e políticos.

#### **4. Análise dos dados e discussão dos resultados**

##### **4.1. Enquadramento dos territórios em conflito**

###### **4.1.1. Enquadramento da Geórgia**

O Cáucaso delimita simbólica e geograficamente território europeu e asiático, sendo caracterizado por mais de 40 nacionalidades e etnias diferentes. Vários autores afirmam que a região é palco de um novo “grande jogo” geopolítico entre a Rússia e EUA e que se tratava no início do século XXI, da fronteira mais volátil e militarizada da Rússia, prova material desta volatilidade são os conflitos armados que envolveram Abkhases, Ossetos, Geórgios, Russos e Chechenos na década de 90 (Craig Nation, 2007, p.10; Krag & Lunch, 1994; Matsaberidze, 2015, p. 82).

Em 1991 a Ossétia do Sul declara-se *de facto* independente da Geórgia seguindo-se um violento conflito civil até 1992, neste ano a Abecásia entra em conflito com Geórgia e garante a sua secessão após vencer o exército geórgio em 1993. A conflitualidade nestes territórios deu à Rússia o pretexto geopolítico para o envolvimento nos assuntos regionais, amputar 20% do território da Geórgia e torná-lo mais dependente da Rússia (Amnesty International, 2008, p. 14; Mitchell & Cooley, 2014; Seskuria, 2021; Tikk et al., 2010, p. 67). Após os conflitos militares que opuseram a Geórgia à Abecásia e Ossétia do Sul, em outubro de 1993 o recém-empossado presidente pediu apoio a Moscovo para lidar com a rebelião interna dos apoiantes do ex-presidente. Durante este período Tiblíssi aproximou-se da Rússia ao aderir à Comunidade de Estados Independentes (CEI) e à Organização do Tratado de Segurança Coletiva (OTSC), novas bases militares russas foram construídas na Geórgia com o propósito de manutenção de paz, com particular destaque para aqueles dois territórios em análise (IIFFMCG, 2009, p. 15).

Na tabela 1 estão descritos os resultados do último censo efetuado à população da Geórgia, em 1989, os números exatos à altura da invasão são difíceis de obter uma vez que

após as guerras entre a Geórgia e as regiões secessionistas a quase totalidade dos geórgios e outras minorias ali residentes abandonaram a região não sendo possível aferir se voltaram definitivamente após o confronto (Kivirähk, et al., 2010, p. 98; Krag & Lunch, 1994, p. 14; Hewitt, 2008, p. 5).

**Tabela 1 – Unidades territoriais do Cáucaso e etnias.**

Território	Tamanho em km <sup>2</sup>	Habitantes	Capital	Grupos étnicos maioritários em %
Abecásia	8,600	524,000	Sukhum	Geórgios:46; Abkhases:17 Armênios:15; Russos:14
Ossétia do Norte	8,000	632,000	Vladikvakaz	Ossetas:53; Russos: 30 Ingush: 5
Ossétia do Sul	3,900	99,000	Tskhinval	Ossetas: 66; Geórgios: 29

Fonte: Adaptado e traduzido de The North Caucasus: Minorities at a Crossroads (1994).

#### 4.1.2. Enquadramento da Crimeia

A península da Crimeia assegura o domínio do mar de Azov e de parte do mar negro, por conseguinte, o estacionamento da armada russa nos portos de Sevastopol garante a segurança da infraestrutura de transporte de gás e de petróleo. Este território foi anexado por Catarina II em 1783, desde então, a frota russa do Mar Negro encontra-se baseada em Sevastopol, a par da península, a extensão do território costeiro do mar negro compreendido entre Transnístria, Odessa, e Mariupol foi considerada uma região administrativa russa distinta até 1917 sob a designação de Novorossiya (Blockmans, 2014, p.2), designação territorial retomada pela atual narrativa russa para justificar as suas reivindicações sobre parte significativa do leste ucraniano.

As nacionalidades presentes na Península da Crimeia, em 2001, dividiam-se entre 60% de cidadania russa, 24% ucraniana e 12% de tártaros (*All-Ukrainian population Census' 2001*, 2001; Wood, 2016, p. 5). Num inquérito efetuado na Crimeia em 2013 pelo *International Republican Institute*, 82% dos inquiridos afirma que falam russo como primeira língua enquanto apenas 2% da população fala apenas ucraniano e 3% falam ambas línguas (Baltic Surveys & Gallup Organization, 2013; Maigre, 2008, p. 3).

Ainda assim, noutra inquérito de opinião realizado em dezembro de 2013 na região sul da Ucrânia, Crimeia incluída, 87.9% considerava a Ucrânia como pátria mãe enquanto apenas 30.8% se considerava patriota ucraniano convicto, ilustrando a dicotomia de, simultaneamente, considerarem a Ucrânia a sua pátria não sendo, no entanto, muito convictos nessa afirmação (Shanghina et al., 2014, p. 29).

A perceção russa da pertença histórica da península à Rússia foi também várias vezes abordada, em maio de 1998 cerca de 77% dos russos considerava que a península devia ser devolvida à Rússia (Volkov, 2015). Em Março de 2002, 80% partilhava desta opinião enquanto em 2008 o número aumentou para 85%, 67% dos inquiridos consideravam normal o exercício de “pressão política e económica” sobre a Ucrânia (Levada Center, 2015).

Vladimir Putin, assim como diversos autores russófilos, não concebe um revivalismo do império russo sem a Ucrânia, por proximidade diplomática ou anexação. Após o colapso soviético, as elites russas continuam a perceber a Rússia em posição de suserania étnica, cultural e até psicológica sobre a Ucrânia, mentalidade que pode ser descrita com o termo *Derzhavnost*, a crença da primazia e grandeza da Rússia elevando-se quase a um patamar de religião secular (Merry, 2016, p. 29 e 37; Snyder, 2014; Thomas, 2015, p. 373).

#### **4.2. Enquadramento da defesa e economia da Geórgia e Ucrânia**

No domínio da segurança e defesa, a adesão à Organização do Tratado do Atlântico Norte (OTAN) era vista pela Geórgia e Ucrânia como uma aliança fundamental na garantia da defesa dos seus territórios e na partilha de recursos militares, contudo, na Cimeira de Bucareste de 2008, estes dois países viram rejeitados os seus pedidos de adesão ao *Membership Action Plan* (MAP). Em contrapartida a OTAN cria a *Eastern Partnership for Peace* (EPF) com aqueles dois países, a par da Arménia, Azerbaijão, Bielorrússia e Moldávia, com o propósito de incentivar a liberdade de movimentos acrescida e de reforçar cooperação nas áreas da economia e energia (Bychenko et al., 2021, p. 311 ; IIFFMCG, 2009; Tseluiko, 2010, p. 13).

O hipotético alargamento aos países da extinta URSS (União das Repúblicas Socialistas Soviéticas) é visto por Moscovo como um ato hostil, o que terá pesado na decisão da não aceitação da Ucrânia e da Geórgia. Assim, Matsaberidze afirma que a Rússia, pelos meios de pressão empregues e pela irresolução ocidental, detém um veto informal sobre as novas adesões de países da ex-URSS (Chicky, 2009, p. 14; S. F. Jones, 2010; Matsaberidze, 2015, p. 86; Mearsheimer, 2014, p. 1; Seskuria, 2021, p. 2; Thomas, 2015, p. 386).

Por outro lado, Sergey Lavrov avisa em 2005 que o fornecimento de armamento por países da OTAN contribuiria grandemente para a desestabilização do Cáucaso, enquanto Putin afirma que a adesão da Ucrânia resultaria na extinção do país. Assim, os russos propunham “o “não-alinhamento militar”, modelo de neutralidade suíço, que, embora tentador, resultaria unicamente no crescente isolamento internacional da Geórgia. A Ucrânia, por sua parte, consignaria na sua Constituição esta neutralidade político-militar em 2010, afastando de vez a possibilidade de adesão a qualquer aliança (Cecire, 2014; Chicky, 2009, p. 16; Mearsheimer, 2014, p. 2; Service, 2020, p. 560).

A Rússia detinha, em 2008, duas bases militares em território geórgio, Akhalkalaki e Batumi, com cerca de 3 000 tropas russas, além destas existiam ainda forças de manutenção de paz russas situadas nos dois territórios secessionistas. Estas tropas, com partida prevista das bases antes do fim de 2008, conforme acordado com a Rússia em 2005, permanecem no território após a eleição de Saakashvili, por decisão unilateral da liderança russa. Segundo autoridades geórgias, a nomeação da liderança das tropas da Ossétia do Sul está a cargo de Moscovo sem participação relevante dos locais (German, 2006, p. 4 e 11; *The August War South Ossetia 2008. How it all happened*, 2021).

Na Crimeia, a Rússia mantém uma forte presença militar. Em 2008, já estava estacionada na frota do Mar Negro uma força com cerca de 14 000 operacionais russos, após os acordos de

Kharkiv em 2010 foi autorizada a permanência da frota na Península até 2042 e os operacionais autorizados aumentariam para 25 000 (Bychenko et al., 2021, p. 101; Maigre, 2008, p. 7).

No plano económico, diversos fatores são comuns a estes dois países: em primeiro lugar ambos têm uma forte comunidade expatriada na Rússia, em 2005 cerca de 23% da população geórgia e 13% da população ucraniana encontravam-se em território russo, por conseguinte as remessas dos emigrantes eram um importante contributo para as respetivas economias nacionais, constituindo cerca 6.3% do PIB da Geórgia e 0.8% do PIB da Ucrânia (Jonavicius, 2009, p. 29). Além da importância económica, os laços sociais e linguísticos gerados por estas relações significavam maior exposição aos Órgãos de Comunicação Social (OCS) russos e partilha de informação com família e amigos nos países de origem.

Em segundo lugar ambos países, a par de outras ex-repúblicas soviéticas, têm forte dependência económica da Rússia. A imposição de taxas aduaneiras ou a proibição de importação de produtos foram ferramentas empregues por Moscovo contra a Geórgia. Em 2006, por exemplo, com a interdição de importação de águas, sumos, frutas, legumes, vegetais e vinhos até 2013. Os produtos ucranianos importados pela Rússia foram alvo de longas e meticulosas fiscalizações aduaneiras, enquanto chocolates (produzidos nas fábricas do empresário ucraniano pró-europeu Poroshenko), vidro e carvão sofrem elevadas taxas aduaneiras em retaliação à evolução da negociação de adesão à UE. Perante as reclamações de associações patronais ucranianas por práticas retaliatórias, oficiais russos esclarecem que a adesão à união aduaneira encabeçada pela Rússia tornaria os procedimentos aduaneiros mais expeditos (Daisy, 2013; Dawn, 2013; Jankowicz, 2020, p. 56 e 59).

A Rússia é também o principal fornecedor de gás e de petróleo da Ucrânia e um dos principais da Geórgia, fazendo uso destes recursos vitais através do corte de fornecimento, como aconteceu em ambos países em 2006, ou aumento significativo das tarifas para conseguir uma melhor posição negocial, como aconteceu em 2013 na véspera da assinatura de novo acordo com a Ucrânia (Ruchel, 2014; Umbach, 2013).

### **4.3. Media nos territórios em conflito**

#### **4.3.1. Media na Geórgia**

A Revolução Rosa, em novembro de 2003, resultou numa melhoria no exercício de liberdade de imprensa inédito nos programas de informação, entretenimento e emissões originais. Além dos motivos intrínsecos de independência face aos *media* russos, diferenças culturais, étnicas e linguísticas, a partir da eleição de Saakashvili para a presidência dá-se a aprovação de novas medidas para limitar a influência russa na imprensa nacional (Jonavicius, 2009, p. 32).

A par da luta contra a influência estrangeira, o governo procurou moldar os *media* nacionais à sua imagem, considerados “contestatários” antes da Revolução Rosa, de 2003 a 2004, tornam-se subservientes do governo, por meio de aquisição total ou parcial dos canais e publicações, práticas retaliatórias como interrupção ou prevenção de transmissão, ameaça de suspensão de direitos de difusão, fiscalizações nos escritórios dos OCS visados, retenção

de financiamento público e limite a livre acesso a informação pública. Estas ações promovem a uniformização da informação difundida nos três principais canais televisivos do país, em prol do executivo, prejudicando a liberdade de informação no país. Várias avaliações de organizações internacionais que monitorizam os *media* indicam que a liberdade de imprensa diminuiu significativamente nos anos que antecederam a invasão de 2008 (S. Jones, 2013, p. 124; TI Georgia, 2009, pp. 4, 5 e 18).

Num inquérito dirigido à população da Geórgia em 2008, cerca de 96% da população afirmava obter informação política a partir da televisão, o conjunto das estações televisivas controladas pelo executivo era utilizada por mais de 71% da população geórgia para obter notícias enquanto cerca 23% utilizava fontes russas diária ou semanalmente (Freedom of the Press 2009, 2010, p. 102; Georgian National Study, 2008).

No momento da invasão, a Geórgia encontrava-se em 74º lugar em número de páginas web e apenas sete em cada 100 geórgios utilizava *internet*, apontando para um impacto limitado comparativamente a países tecnologicamente mais integrados (Markoff, 2008; Tikk et al., 2010, p. 68).

As estatísticas relativas aos OCS não são aplicáveis às regiões secessionistas uma vez que nestas regiões são dominados pelas autoridades locais e transmitem conteúdos alinhados com a propaganda local e russa. Assim, a transmissão ilegal de conteúdos radiofónicos ou televisivos russos no território geórgio, com particular destaque para as zonas secessionistas, foi frequente desde a ocupação daqueles territórios (Kivirähk, et al., 2010, 135-137).

#### **4.3.2. Media na Ucrânia**

Os *media* ucranianos apresentam desde a fundação do Estado uma relação de intrínseca dependência às fontes de informação russas por proximidade cultural, linguística e restrições financeiras ou desinvestimento no jornalismo nacional (Jonavicius, 2009, p. 31).

O setor financeiro-industrial do país, em parte apoiado por capitais russos, conseguiu o controlo dos principais canais televisivos entre 2006 e 2013 e utilizou-os consistentemente para divulgar e apoiar os respetivos candidatos a cargos públicos, defender a sua agenda e influenciar a política local e nacional (Bychenko et al., 2021, p. 246).

A estação pública televisiva UT-1 transmite desde 2004 a narrativa do executivo de Kuchma, a partir de 2010 Yanukovych reforça o controlo da informação dos canais em sinal aberto e, simultaneamente, verifica-se um aumento significativo de oferta de canais por cabo russos, principalmente na região Leste da Ucrânia e na Crimeia (Genté, 2008, p. 45; Lukichev, 2022, p. 17; Szostek, 2014, p. 5).

No setor privado cerca de 75% das audiências televisivas e parte significativa da imprensa escrita estavam subordinadas a grupos de *media* detidos por 4 oligarcas próximos do regime, designadamente, Akhmetov, Firtash, Pinchuk e Kolomoisky (Rybak, 2018). Os únicos meios de transmissão de jornalismo crítico ao governo eram jornais escritos e publicações na internet, aparentemente inócuos, tolerados pelo governo (Szostek, 2014, p. 5).

Um inquérito dirigido à população ucraniana, efetuado em fevereiro e março de 2012, afere que 95% dos inquiridos obtém informação política através de programas de televisão, 36%

e 30%, respetivamente, através de artigos em jornais e 34% e 40% por meio de programas de rádio (Baltic Surveys & Gallup Organization, 2012). Em maio de 2013, em estudo idêntico, os autores revelam que 40% da população da Península Crimeia nunca usou internet, enquanto 19% usa diariamente (Baltic Surveys & Gallup Organization, 2013).

A pressão constante sobre os jornalistas, ameaças de suspensão de licenças de transmissão e concentração dos *media* sob a alçada do executivo leva a *Freedom House* a afirmar que os OCS ucranianos estavam sob alçada das elites política e económica do país, situação ilustrada num decréscimo do 89º lugar para 126º de 2009 a 2013 no ranking dos Repórteres sem Fronteiras (Genté, 2008, p. 57).

Na Crimeia o acesso e dependência dos *media* russos era mais ainda mais claro, a presença de uma maioria étnica russa significava uma maior consulta de conteúdos russos, assim, verificou-se um acréscimo de transmissão ilícita de rádios russas (Mayak e Voice of Russia) desde 2006 ou de canais televisivos com licenças suspensas por ordem de autoridades ucranianas desde 2008 (First Channel, World Net, Ren TV, RTR Planeta e TVCI) (Bychenko et al., 2021, p. 296 e 313).

Além do controlo mediático, a colaboração e anuência do executivo de Yanukovych e do chamado clã de Donetsk às prioridades russas podem ser justificadas pela elevada dependência do país na sua relação económica com a Rússia, com particular destaque nos sectores estratégicos de comunicações e telecomunicações, energia e combustíveis e parte do sector bancário ucraniano (Bychenko et al., 2021, p. 320; Gusev, 2015, p. 131; Szostek, 2014, p. 4) Na Rússia, Vladimir Putin atinge níveis mínimos de popularidade em 2013 levando o a implementar reformas significativas no setor dos *media* na Rússia através da revisão das narrativas das televisões e rádios estatais, são dissolvidas a *Ria Novosti* (histórica agência de notícias existente desde a era soviética) e *Voice of Russia* (principal rádio estatal) e integradas na *Rossiia Segodnya (Russia Today)* e é aumentado do número e variedade de publicações (garantindo sempre mensagem pró-governamental). No setor privado Putin apoia com financiamento ou ameaça com acusações fabricadas oligarcas na aquisição de canais privados na procura de adaptar a linha editorial em prol do governo (DeBenedictis, 2022, p. 62 e 64; Global Engagement Center, 2022, p. 21; Yuhas, 2014).

#### **4.4. Operações de informação**

##### **4.4.1. Operações de informação na Geórgia**

A intervenção armada na Geórgia marca o início do uso de informação de forma estrutural em operações militares e acaba definitivamente com a noção de não intervencionismo militar russo em países vizinhos. Este conflito constitui o primeiro caso de intervenção em todos os domínios de conflito convencional (ar, terra e mar) com ataques no ciberespaço e operações de desinformação (Cohen & Hamilton, 2011, p. 57; Hedenskog, 2008, p. 4; Hollis, 2011, p. 5; Keating, 2013; Iasiello, 2017, p. 51 e 52; Markoff, 2008).

O uso de exercícios militares pela Rússia como elemento operacional das suas interações políticas com a Geórgia através da realização de treinos não planeados, quando Tiblíssi tomava

opções políticas hostis a Moscovo, e de exercícios militares planeados de grande envergadura, designadamente o “Caucasus Frontier 2006”, “Caucasus Frontier 2007” e “Caucasus 2008”, exerceu uma forte pressão militar e psicológica na população e exército da Geórgia. Neste último exercício, que terminou apenas cinco dias antes do início do conflito militar, foram realizados treinos, distribuídos panfletos sobre as tropas da Geórgia e estudados os acessos rodoviários. Após a conclusão do Caucasus 2008 algumas tropas ficaram de reserva perto do acesso do túnel Roki, principal via entre a Ossétia do Norte e do Sul (Barker et al., 2013, p. 7; German, 2006, p. 8 e 9; Lavrov, 2010, p. 42; Thomas, 2015, p. 16).

De acordo com oficiais militares da Geórgia, as operações russas no ciberespaço tiveram início três semanas antes da data de início do conflito convencional expressas em ataques contra *websites* da Geórgia, embora seja difícil, pela natureza das operações, achar meio de prova definitivo que ligue aqueles ataques a atores russos. A cobertura mediática dos eventos também foi garantida por Moscovo ao financiar a viagem de cerca de 50 jornalistas para a Geórgia nos dias que precederam a invasão, enquanto as forças separatistas impediram o acesso de jornalistas de OCS provenientes da Geórgia (Cohen & Hamilton, 2011, p. 47; Freedom of the Press 2009, 2010, p. 101; Schachtman, 2009).

A participação de cidadãos simpatizantes, embora não formalmente relacionados, de diversas origens (Rússia, Ucrânia e Lituânia) em linha com os interesses russos, através do uso de *software* distribuído em linha, em ataques dirigidos a páginas na Geórgia permitiu reduzir o custo dos ataques mantendo a eficácia operacional. Além da implicação de civis existem indícios da participação dos grupos de hackers, também pela primeira vez, conhecidos por APT 28 e *Sandworm*, responsáveis por ataques informáticos (DDoS e *phishing*) e distribuição de *malware*. O conjunto destas operações no ciberespaço foram classificadas por muitos autores como o primeiro ato aberto de ciberguerra (Baezner, 2018, p. 14 e 17, p. 37-39; Harris, 2014; John & Scott, 2009, p. 2).

O primeiro ciberataque registado teve lugar a 19 de julho quando a página oficial do presidente foi bloqueada por excesso de tráfego (DDoS), no dia 5 de agosto, 3 dias antes da invasão, o oleoduto BTC (Baku-Tbilissi, Ceyhan) sofre um ataque informático que resulta no desativar do alarme, aumento da pressão no oleoduto e subsequente explosão. Embora a operação tivesse sido reivindicada pelo Partido dos Trabalhadores do Curdistão (PKK), a sofisticação e planeamento sugere responsabilidade de outro ator, suspeitas circunstanciais apontam para a Rússia, que desde cedo procurou estar dissociada do evento alimentando a narrativa de responsabilidade do PKK (Kucera, 2014).

A campanha ofensiva principal no ciberespaço teve início com a invasão russa a 8 de agosto com 38 ataques registados contra páginas geórgias e ocidentais, incluindo a página oficial do Presidente, Ministério dos Negócios Estrangeiros, Banco Nacional, Parlamento, Tribunal Constitucional da Geórgia, Embaixadas do Reino Unido e EUA na Geórgia. A realização destes ataques aparenta ter sido organizada de forma centralizada, pela ocorrência num intervalo de 30 minutos entre cada um entre as 17h 15m de dia 8 de Agosto até ao cessar-fogo às 12h 45m do dia 11 de Agosto (Cohen & Hamilton, 2011; Cornell & Starr, 2009; IIFMCG, 2009, p. 19; Lavrov, 2010, p. 47; Tikk et al., 2010, p. 69).

O maior banco comercial da Geórgia, o maior fórum de *hackers* da Geórgia e companhias de transporte foram alvo de ataques informáticos, por outro lado, a infraestrutura de comunicações da Geórgia, designadamente, *routers* por onde transitavam dados para a Geórgia via Turquia, foram afetados pelo grupo de *hackers Russian Business Network* (Markoff, 2008; Tikk et al., 2010, p. 72; Zuckerman, 2008).

Nos dias iniciais da invasão, quando as comunicações eram vitais para manter as funções do Estado e disseminar informação doméstica e internacionalmente, as forças russas foram bem-sucedidas em limitar ou impedir o fluxo de informação. Além das consequências imediatas, indisponibilidade de dezenas de websites e milhares de serviços *online*, estes ataques também tiveram um efeito perverso na moral e confiança pública geórgias (Harris, 2014; John & Scott, 2009, p. 6; Tikk et al., 2010, p. 78). O serviço de difusão de informação financiado pelos EUA *Voice of America* emitiu informação em língua geórgia para que a população estivesse a par dos desenvolvimentos do conflito, numa ação classificada por alguns como apoio cibernético humanitário (Korns & Kastenberg, 2008, p. 70).

Como resposta aos ataques às páginas do executivo geórgio, contactado previamente pelo CEO da TSHost (uma empresa americana de alojamento de páginas *Web* sediada em Atlanta, Geórgia, EUA), o expatriado geórgio Nino Doijashvili realocou algumas páginas *Web* da Geórgia para servidores americanos com o propósito de as proteger dos DDoS. Após a realocação das páginas para os servidores norte-americanos estas foram alvo de ataques informáticos repercutindo danos colaterais no ciberespaço americano (Korns & Kastenberg, 2008, p. 9; Tikk et al., 2010, p. 70).

Além dos EUA, a Geórgia também deslocalizou as suas páginas *Web* críticas para a Estónia e Polónia e restabeleceu parte daquelas sob a forma de blog, sob a protecção da Google, em ambos casos a Rússia mostrou-se incapaz ou relutante em atacar. A deslocalização resultou no aumento do número de blogs existentes e o foco em informação política em vez de assuntos pessoais. Por outro lado, a Geórgia bloqueou o acesso a páginas e canais televisivos russos na tentativa de bloquear ou diminuir o fluxo de mensagens russas para o país e de aumentar a disponibilidade de banda dos servidores geórgios (Cohen & Hamilton, 2011, p. 59; Cornell & Starr, 2009, p. 190-191; Korns & Kastenberg, 2008, p. 2; Tikk et al., 2010, p. 76 e 82).

O objetivo principal da campanha ofensiva no ciberespaço foi apoiar a invasão da Geórgia, os ataques cibernéticos encaixam no plano de invasão considerando que os danos aos alvos afetados resultaram em algum benefício militar para a Rússia. A perceção russa do trabalho conjunto das dimensões técnicas e psicológicas no domínio da informação com ofensivas militares ficou evidenciado durante o conflito na Geórgia em 2008, por conseguinte este conflito tornou-se efetivamente um campo de treino para operações de informação futuras (Iasiello, 2017, p.53; Jankowicz, 2020, p. 57; John & Scott, 2009, p. 6).

Em simultâneo à ciberguerra contra a Geórgia, a Rússia tentou tomar a iniciativa na guerra de informação ao garantir que a sua narrativa, preparada antes do despoletar do conflito, dominava a discussão das causas e resultados do conflito (Cohen & Hamilton, 2011, p. 48). A dificuldade na análise deste conflito levou a União Europeia (UE) a criar, pela primeira vez na história, uma Missão Internacional de Verificação de Fatos no Conflito da Geórgia (IIFMCG).

Emilio Iasiello comenta as conclusões afirmando que a estratégia de desinformação russa fora bem-sucedida a ponto de o relatório final focar em demasia o apoio dado à Geórgia pelos Estados Unidos (Iasiello, 2017, p. 54; IFFMCG, 2009, p. 5).

A vitória militar convencional pendeu definitivamente para o lado russo, no domínio da informação alguns autores não atribuem a superioridade a uma ou outra parte enquanto outros referem que a Rússia perdeu no conflito de informação, assim, a necessidade urgente de reforma da estrutura e recursos militares russos foi invocada pela generalidade dos autores (Barker et al., 2013, p. 22; Galleoti, 2019b, p. 36; Giles, 2015b; Iasiello, 2017, p. 48-54; Pomerantsev & Weiss, 2014, p. 12).

No plano político, Saakashvili mantém-se como presidente da Geórgia até 2013, em outubro de 2012, Bidzina Ivanishvili vence as eleições parlamentares e torna-se primeiro ministro do país. Ivanishvili é o homem mais rico da Geórgia, acumulou a sua fortuna após o colapso da URSS com investimentos no setor metalúrgico, novas tecnologias, banca, transportes e setor imobiliário que realiza ao longo dos anos 1990 e 2000 em Moscovo, onde o oligarca dirigia os seus negócios. É considerado, por diversos autores, como o verdadeiro decisor político na Geórgia desde a sua eleição até 2021, mesmo nos momentos em que não ocupou qualquer cargo público, com posições pró-Moscovo e de não-adesão à OTAN (AFP, 2012; Ranvier, 2012; Vincent, 2021).

#### **4.5. Associações pró-Moscovo na Crimeia**

Nos anos 2000, após a ascensão ao poder de Vladimir Putin, assiste-se a um incremento de novas associações pró-russas na Crimeia. O crescimento do nacionalismo russo e surgimento de grupos dirigidos à juventude expandiram para a península da Crimeia com o apoio da frota russa no mar negro, do Serviço de Informações da Federação Russa (GRU) e de uma unidade especial do FSB (Serviço Federal de Segurança da Federação Russa), o chamado *18th centre*, para ações dirigidas a comunicações móveis e redes sociais (Andrew, 2014; Bychenko et al., 2021; Mizrokhi, 2009, p. 14 e 15; Popescu & Wilson, 2009, p. 47).

As principais narrativas destas organizações criadas nos anos 2000 centravam-se na oposição à presença e exercícios da OTAN e dos Estados Unidos, oposição e negação da “ucranização” da sociedade, defesa do patriotismo russo e unificação (sob forma de anexação ou federalismo), apoio à utilização da língua russa na Ucrânia reclamando as culturas russa e ucraniana como uma única, promoção da unicidade da civilização ortodoxa eslava de leste e do seu papel messiânico no mundo moderno, apoio à frota russa do mar negro e propagação de opiniões anti tártaras, incluindo a negação de direitos de propriedade e compensações históricas e discriminação islamofóbica. As organizações pró-russas com maior destaque na península da Crimeia foram:

– A “Comunidade Russa da Crimeia” (ROK), ligada à facção política pró-russa no parlamento da Crimeia. Um dos membros mais proeminentes, Sergei Aksyonov, tornar-se-ia Chefe de Estado da Crimeia após a ocupação em 2014. Apesar do pouco apoio popular nas urnas, o ROK e o partido “Rússia Unida” forneceram uma plataforma para a Rússia distribuir fundos, exercer influência e construir ligações com os políticos da Crimeia (DeBenedictis, 2022, p. 121-124; Carbonnel, 2014; Maigre, 2008, p. 15);

– O movimento político de juventude Nashi criado em 2005, reivindicou o ataque informático a Talinn em 2007, promoveu manifestações anti-OTAN, assédio a adversários políticos de Putin e, após a sua dissolução em 2012, alguns membros permaneceram ativos na execução de ataques informáticos com motivações patrióticas (Baezner, 2018, p. 12; Hedenskog, 2008, p. 24);

– A organização paramilitar “União da Juventude Eurasiática” organizou manifestações anti-OTAN, comícios para doutrinação de juventude, reivindicou a partida da marinha ucraniana de Sevastopol (ações que resultaram na anulação de exercícios militares ucranianos) e denunciou ações de políticos ucranianos na Crimeia (Darczewska, 2014, p. 28; Kivirähk, et al., 2010, p. 261; Wood et al., 2016, p. 8-11). A página web da “União da Juventude Eurasiática”, *netwar portal*, foi utilizada em março de 2014 para fornecer indicações a simpatizantes sobre procedimentos a adotar com “inimigos internos, russos ou ucranianos com opiniões consideradas pró-ocidentais, não patrióticas ou contra a anexação da Crimeia” (Darczewska, 2014, p. 27 e 28; Rossbach, 2018);

– Os Cossacos, estrutura paramilitar registada como ONG, foram fundamentais na defesa dos interesses da Rússia na região e estreitamento de laços com os Cossacos russos através da realização de exercícios militares conjuntos na Crimeia. Em 2010 foi estabelecido o grupo paramilitar “Gnomos para a batalha” com o fim de instruir jovens cossacos a manusear armas de fogo. Este grupo encontrava-se sob o patrocínio do Comité do Sínodo da Igreja Ortodoxa Russa, organização apoiada por Putin e pelo oligarca Vadim Novinsky (Grytsenko, 2016; Hedenskog, 2008; Maigre, 2008, p. 9; Novitchkova et al., 2015, p. 8);

– O grupo de motociclistas “Lobos da Noite”, fundado ilicitamente em 1989, integra membros voluntários de todos os cantos da extinta U.R.S.S. sob o lema “Onde quer que estejamos, aí é Rússia” e agem onde consideram que surjam ameaças à Ortodoxia Russa. Os “Lobos da Noite” receberam em 2013 e 2014 mais financiamento público do que qualquer organização filantrópica na Rússia (Llobet & Popov, 2014; Shuster, 2014; Wood et al., 2016, p. 15 e 114-116).

#### **4.6. Operações de informação na Praça Maidan**

O evento despoletador das manifestações que resultariam na queda de Yanukovych foi a suspensão e não assinatura do acordo de associação com a EU em novembro de 2013, nos dias subsequentes, milhares de pessoas saíam às ruas em várias cidades da Ucrânia por motivos diversos, denúncia da não assinatura do acordo de Associação com a U.E., maior segurança económica, mais oportunidades para as gerações vindouras e cansaço com o número e extensão das injustiças suportadas, sem, no entanto, reivindicarem a destituição do presidente ucraniano (Onuch, 2014; Wood et al., 2016, p. 12).

O governo ucraniano cedo procurou controlar as manifestações com a implementação de um forte dispositivo de forças de segurança, incluindo as forças especiais *Berkut*, que resultaram em violentos confrontos com manifestantes e recrudescimento dos protestos, recorreu também à contratação de *titushkis*, grupos de jovens afetos e financiados pelo executivo que participavam em manifestações pró-governamentais, criação de distúrbios em

protestos pacíficos e intimidação e agressão a jornalistas (Kivirähk, et al., 2010, p. 313; Moore & Butorin, 2013; Pakhareno, 2015, p. 60).

A importância do uso de redes sociais e de telemóveis na captação e transmissão dos acontecimentos no terreno, partilha com contatos e organização de manifestações marcaria os eventos da praça Maydan (83.7% dos ucranianos em zonas urbanas obtinham informação sobre os protestos através da internet e redes sociais), por conseguinte, o executivo de Yanukovych não pôde dispor do monopólio de transmissão de informação obrigando-o a competir com novos meios de comunicação ao alcance da população pelo controlo do espaço mediático (Onuch, 2014; Szostek, 2014, p. 7). Estes novos meios correspondem a respostas cívicas espontâneas da sociedade ucraniana e incluem:

- Criação de novos canais televisivos tais como o *hromadske.tv* (financiado pela Comissão Europeia, Canadá e Suécia), ou outros de menor envergadura como *Espreso.tv*, *Ukrstram.tv*, *Radio Svoboda* (financiado pelos Estados Unidos), *24th*, *5th* e *ZIK* que transmitem protestos na praça Maidan em direto (através de *stream* em direto) (Bateson, 2016; Bigus et al., 2014; Кузякин, 2014);

- Criação de páginas de *Facebook* (*Euro-Maydan* e *Crimea-SOS*) com informação atualizada sobre os eventos no terreno (*Freedom of the Net* 2014, 2015, p.834);

- Surgimento de websites de verificação de fatos, designadamente, *StopFake.org*, *FakeControl* e *Information Resistance* com o objetivo de reportar com acuidade o desenrolar dos acontecimentos, refutar informação errada, combater a desinformação russa e propaganda veiculadas por *trolls* ou ativistas pró-russos (Cain, 2019; Lange-Ionatamišvili, 2015, p. 25; Levin Jaitner, 2015, p. 92; Lokot, 2014).

Desde o início dos conflitos na praça, a narrativa russa tentou associar os manifestantes a figuras de extrema-direita nazis como Stepan Bandera, classificando-os de “Banderovtsy”, nacionalistas, fascistas, insurgentes, anarquistas, nazis, russófobos e anti-semitas, que procuram atacar os direitos dos não-ucranianos residentes no país através de ameaças físicas, com destaque para a minoria étnica russa (Fischer, 2014, p. 1; Lange-Ionatamišvili, 2015; Wood et al., 2016, p. 121; Yugas, 2014; Santos Pereira, 2014, p. 345). Esta mensagem ressoou com particular eficácia junto da população Crimeia, mais exposta a fontes de informação russa. Para reforçar a mensagem estes OCS usaram linguagem e temas sensacionalistas, apresentação de imagens e vídeos frequentes vezes manipulados ou sem contextualização para se adaptarem à mensagem que a máquina de propaganda procurava transmitir (Gaspar Jorge, 2014, p.50; Lange-Ionatamišvili, 2015, p. 13; Ryzhkov, 2014; Thomas, 2015, p. 381 e 385).

O segundo tema mais veiculado foi a associação do Ocidente com os ucranianos insurgentes na organização das manifestações à semelhança do discurso russo das “Revoluções Coloridas” nos anos 2000 na Ucrânia, designada por Moscovo de “praga laranja”, na Geórgia e Quirguistão, com o fim de enfraquecer a esfera de influência da Rússia (Darczewska, 2014, p. 20; Fischer, 2014, p. 1; Menon & Rumer, 2015, p. 81; S. F. Jones, 2010, p. 130). Como prova desta ligação, políticos russos invocaram aos diálogos privados entre o ministro dos negócios estrangeiros estónio e a EU divulgados pela *WikiLeaks* ou as conversas divulgadas pelo grupo

de *hackers CyberBerkut* entre a secretária de Estado Adjunta norte-americana Victoria Nuland e o embaixador Geoffrey Pyatt (DeBenedictis, 2022, p. 36, 40 e 79; Sakkov, 2015).

A terceira narrativa prende-se com o recorrente tema na diplomacia russa da obrigação de defesa dos direitos dos compatriotas, mesmo além das fronteiras russas, de acordo com a doutrina militar de 2010, apostando na imagem de Estado protetor com semelhanças à propaganda e intervencionismo soviéticos (Bruusgaard, 2014, p. 88; Gasparyan, 2014; Moser, 2023; Wood et al., 2016, p. 13). No caso da Crimeia o argumento bifurca na necessidade de proteger a minoria russa residente na península e os interesses da frota, respetivo contingente e famílias estacionados de acordo com o tratado internacional com a Ucrânia (DeBenedictis, 2022, p. 76; Lukichev, 2022, p. 32).

No início dos protestos na praça Maidan, para surpresa de muitos analistas, as televisões detidas pelos oligarcas atrás mencionados cobriram os eventos de forma objetiva, as televisões estatais não cobriram parte dos protestos ou cobriram favoravelmente ao governo. Contudo, a falta de resultados tangíveis dos protestos, a assinatura do acordo de assistência com a Rússia e a expectável distribuição de fundos estatais levou os *media* a iniciar uma cobertura mais favorável ao governo a partir de 17 de dezembro (Aslund, 2013 ; Szostek, 2014, p. 2, 9 e 10; Vorobiov, 2014).

Logo após a assinatura deste acordo os confrontos em diversos centros urbanos intensificam-se e esquadrões de autodefesa começam a surgir nas zonas leste e sul do país, em particular os “lobos da noite” e Cossacos formam na Crimeia o “escudo eslavo” contra um eventual ataque vindo de Kiev (Bychenko et al., 2021, p. 320; Ukrainska Pravda, 2014).

Os noticiários internacionais ficariam marcados a partir de 16 de janeiro, dia da aprovação de 11 leis anti-protestos apelidadas pela oposição de “leis ditatoriais”, por cenas de violência policial, incluindo os primeiros mortos nas manifestações pela *Berkut*, cujos membros provinham maioritariamente da Crimeia e zonas sul e leste do país. Para diversos autores a aprovação destas leis, que seriam revogadas 2 semanas depois, foi o momento-chave que levou à radicalização dos protestos em Kiev, ao banir atividades de oposição política pacífica os manifestantes encontraram-se sem alternativa de expressão levando parte a recorrer a meios de protesto mais radicais (Bychenko et al., 2021, p. 210; САРУХАНОВ, 2015; КУЗЯКИН, 2014; Moser, 2023; Thomas, 2015, p. 303).

#### **4.7. Operações de informação na Crimeia**

As operações de informação na Crimeia fizeram parte de um amplo conjunto de manobras no terreno e ciberespaço, em todo o território ucraniano, com particular destaque para os territórios de Donetsk e Luhansk em preparação para o conflito que se avizinhava (Lange-Ionatamišvili, 2015, p.22; Novitchkova et al., 2015, p. 4).

No ciberespaço o uso de *trolls* foi o fator mais original da campanha de informação na península da Crimeia para a partilha de desinformação através de perfis, páginas *web* e plataformas de redes sociais falsas (DeBenedictis, 2022, p. 56). Campanhas como *polite people*, termo cunhado para designar as forças paramilitares que ocuparam os alvos na península da Crimeia, promovem a imagem de soldados russos (embora à data a Rússia

negasse por completo tratar-se de soldados russos) ao lado da população e obtêm amplo apoio nas redes e comunicação social (Lange-Ionatamišvili, 2015, p. 30; Volkov, 2015).

No início da invasão da Crimeia as forças russas conseguiram afetar a comunicação de todos os organismos governamentais e militares ucranianos que podiam causar entrave às operações militares, quer por intervenção física direta ou por meios cibernéticos mais sofisticados (por corte de comunicação, controlo direto, vigilância por telefone ou internet). A tomada de um *internet exchange point* (IXP) pelas forças especiais para interromper o tráfego com o resto do país, instalação de equipamentos de bloqueio de comunicações (*jamming*) no estreito de *Kerch* para prevenir o contacto dos marinheiros com o novo governo, ocupação de estações televisivas, emissoras de rádio e imprensa escrita conseguiram assim cumprir aqueles objetivos (Geers, 2015, p. 8; Levin Jaitner, 2015, p. 91; Seely & Jonsson, 2015; Tsipis, 2014).

No terreno, forças paramilitares e milícias, incluindo Cossacos e “Lobos da Noite”, bloquearam os principais acessos rodoviários e estabeleceram postos de controlo por toda a península, helicópteros e barcos de combate foram transportados para bloquear quaisquer formas de transporte e combate (ar, mar e terra). A rápida e pacífica tomada de objetivos civis e militares foi possível, por um lado, pelo elevado grau de preparação das forças especiais russas, através da realização de 6 exercícios militares apenas no ano anterior e, por outro, pelo grande enfraquecimento dos serviços de informação, com especial destaque para a contra-inteligência e marinha (expresso no orçamento de defesa ucraniano com menos 1 % do PIB, valor historicamente baixo) (Lukichev, 2022, p. 20 e 21; Wood et al., 2016, p. 16).

O comprometimento moral da polícia local, que sabotou o cumprimento de ordens do governo central, das estruturas políticas e sociais que cooperaram ativamente com as milícias e paramilitares russos, a deserção de cerca de metade da marinha ucraniana na península e dos restantes soldados nos dias subsequentes ditou o desmoronar da cadeia de comando e cumprimento dos objetivos russos (Rácz, 2015, p. 74 e 77; Shaghina et al., 2015, p. 31; United States Department of State, 2016, p. 61). Assim, entre os dias 27 de fevereiro e 2 de março a quase totalidade dos objetivos é conseguida e o recém-nomeado primeiro-ministro da Crimeia envia um pedido de ajuda militar à Rússia.

No dia 9 de março forças russas tomam controlo da principal torre de emissão televisiva da Crimeia e substituem os canais televisivos ucranianos por russos pouco tempo antes da realização do referendo. A partir da realização da consulta pública o território é integrado na Federação Russa e os media são obrigados a registar-se sob pena de licenças de publicação ou transmissão revogadas. Jornais, publicações, canais de televisão ou rádios considerados detratores de Moscovo veem as suas licenças revogadas, os OCS tártaros são particularmente afetados, e substituídos por conteúdos russos (DeBenedictis, 2022, p.73; United States Department of State, 2016, p. 65).

No dia 16 de março dá-se o referendo sobre o futuro político da península sem qualquer escrutínio internacional, dois dias depois Putin assina o decreto de anexação da Crimeia como território russo.

## 5. Impacto das operações de informação na Crimeia

A avaliação do impacto das operações de informação junto da população ucraniana requer a análise da exposição dos afetados e os meios utilizados para influenciar e persuadir esta população.

Os autores Peisakhin e Rozenas estudaram o impacto da extensão territorial da cobertura televisiva russa em território ucraniano e concluíram que nos locais onde existe transmissão de canais de informação de origem russa a probabilidade de votação em candidatos pró-russos em eleições presidenciais e parlamentares aumentou em média 7,5%. Por outro lado, a disponibilidade de canais de entretenimento russo não tem impacto no comportamento eleitoral sugerindo que a influência nos eleitores se dá por meio de programas de notícias. Apesar disso, em 2015 o Conselho Nacional de difusão de rádio e televisão da Ucrânia alertava para a necessidade de proibir a transmissão em estações televisivas ucranianas de programas realizados por empresas russas ou de filmes e novelas que glorificassem as agências de segurança e defesa russas (Peisakhin & Rozenas, 2018, p. 542; Shanghina et al., 2015, p. 41).

O estudo afirma ainda que cidadãos que obtêm informação através de canais russos têm maior probabilidade de considerar o governo pós-revolução de Maidan ilegítimo e atribuir maior confiança a Vladimir Putin. Assim, o efeito da televisão russa em pessoas com atitudes pró-russas tende a reforçar crenças pré-estabelecidas, tais como a desconfiança na legitimidade dos protestos, enquanto produz efeito o contrário pessoas com crenças pró-ocidentais a partir de determinado nível de exposição mediática (Peisakhin & Rozenas, 2018, p. 542-546; Levin Jaitner, 2015, p. 93).

Na figura 1 podemos constatar que as zonas sul e leste da Ucrânia apoiaram total ou parcialmente as ações do presidente em mais de 65% dos inquiridos no final de 2013, em total oposição ao resto do país. Também a percepção da repressão política (ver figura 2) é muito oposta, embora o hiato seja menor. Esta percepção é alimentada pela cobertura mediática dos órgãos de comunicação social russos e pela narrativa do executivo naquelas regiões mais próximas do governo.

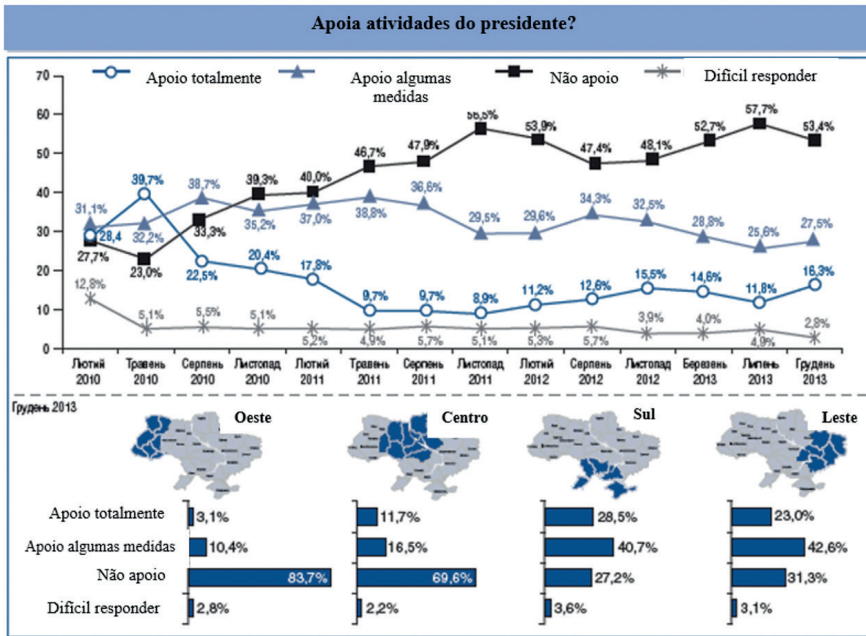


Figura 1 – Apoia as atividades do presidente?

Fonte: Adaptado e traduzido de: Ukraine-2013: New perspectives and new threats, Centre, Kyiv (2013).

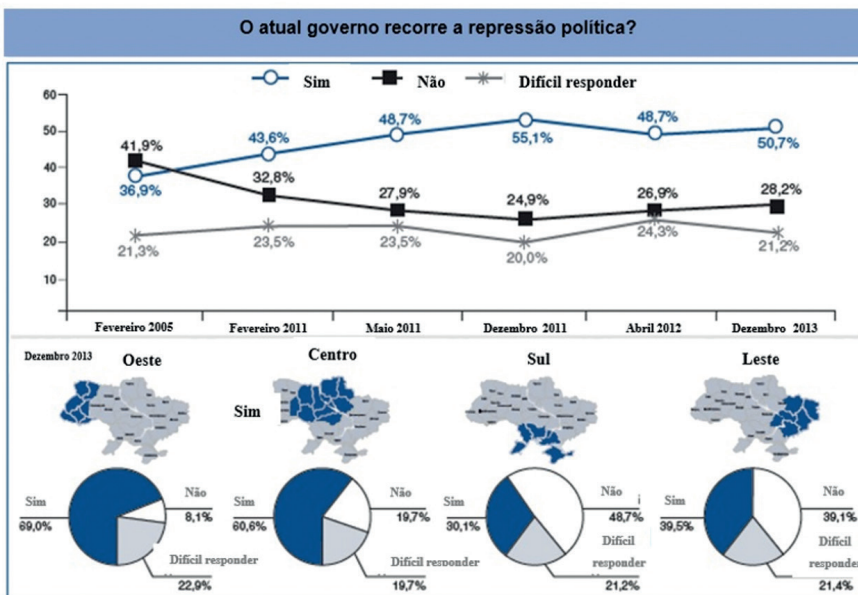


Figura 2 – O atual governo recorre a repressão política?

Fonte: Adaptado e traduzido de: Ukraine-2013: New perspectives and new threats, Razumkov Centre, Kyiv (2013).

Em dois estudos conduzidos pelo Instituto Internacional de Sociologia de Kiev (KIIS), um entre 9 e 20 de novembro de 2013, duas semanas antes da recusa da assinatura do acordo de associação com a EU, e outro entre 24 de janeiro e 1 de fevereiro, duas semanas depois dos violentos conflitos entre manifestantes e forças policiais, Victor Yanukovich era ainda o candidato com maior intenção de voto na primeira volta, com particular concentração das intenções de voto nas zonas Leste e Sul. O futuro presidente da Ucrânia, Petro Poroshenko figurava na altura apenas em 3º lugar mostrando como parte considerável da população ainda considerava legítimas as suas ações (Ukraine, Russia, Belarus - Mutual Assessments of the Population, 2014).

Por outro lado, a predisposição para participação em protestos, sob diversas formas, nas zonas sul e Leste da Ucrânia é marginal quando comparada com a parte ocidental conforme se pode ver na Tabela 2. Ao contrário da imagem veiculada pelos *media* russos, com a transmissão televisiva de sublevações populares em Donetsk e Donbas, a maioria da população daquelas regiões revelou-se passiva perante os protestos e revoltas, à semelhança dos tempos soviéticos (Rácz, 2015, p. 73).

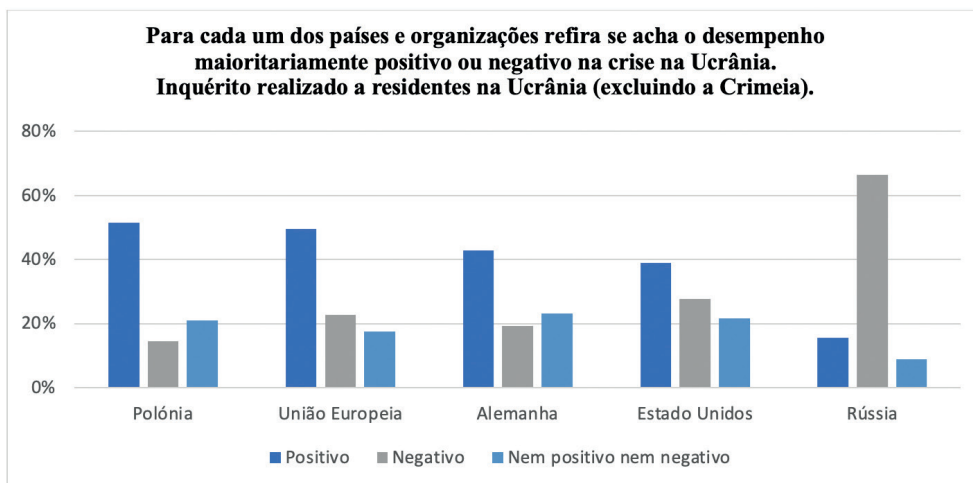
**Tabela 2 – Disponibilidade para participação em ações de protesto na Ucrânia**

Meios de protesto:	Regiões				Ucrânia
	Oeste	Central	Sul	Leste	
	%	%	%	%	%
Recolha de assinaturas (exigências, recursos)	14.6	10.9	15.9	12.7	13.4
Reuniões e demonstrações autorizadas	16.5	14.2	10.4	8.0	12.3
Ameaça de greve	2.6	3.9	1.7	1.7	2.3
Boicote (recusa de execução das decisões da administração, autoridades)	5.8	2.9	2.1	0.7	2.8
Reuniões e demonstrações não autorizadas	4.9	5.9	1.1	0.9	3.4
Participação em greves	5.8	6.4	4.0	1.4	4.5
Protesto greve de fome	2.1	0	0.2	0.2	0.6
Piquete de instituições do Estado	4	0.7	1.7	0.9	1.7
Apreensão de edifícios	2.3	0	0.2	0	0.5
Criação de formações armadas independentes das estruturas de poder	0.9	0.2	0.4	0	0.4
Não estou pronto para participar em ações de protesto em massa.	47.8	57.5	63.8	52.4	55.8

Fonte: Adaptado e traduzido de Ukraine-2013: New perspectives and new threats, Razumkov Centre, Kyiv (2013).

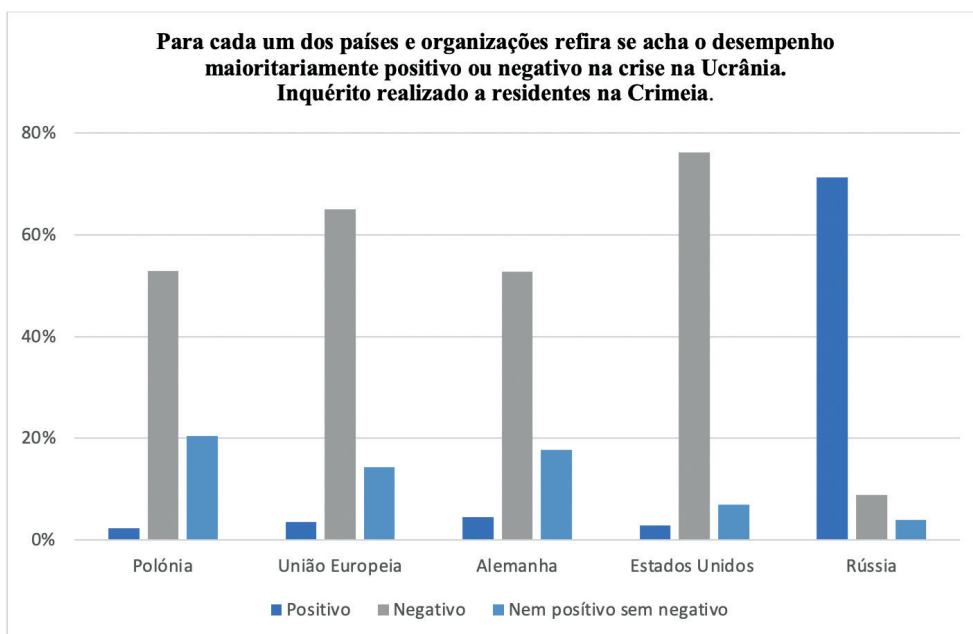
Num inquérito efetuado em abril de 2014, 91% dos inquiridos da zona Oeste da Ucrânia apoiava as reivindicações na praça Maidan enquanto no Sul 63% e no Leste 68% afirmava-se contra aqueles protestos, foi também questionado aos participantes o impacto das ações de diferentes atores políticos, como se pode verificar nas figuras 3 e 4 os residentes na Crimeia

atribuem à Rússia um papel positivo em total oposição ao resto do país (Shanghina et al., 2014; Baltic Surveys & Gallup Organization, 2014).



**Figura 3 – Perceção do papel de agentes externos na crise da Crimeia – Residentes na Ucrânia (excluindo população da Crimeia).**

Fonte: Media and News During the Crisis in Ukraine, Gallup (2014).



**Figura 4 – Perceção do papel de agentes externos na crise da Crimeia – População da Crimeia.**

Fonte: Media and News During the Crisis in Ukraine, Gallup (2014).

As conclusões dos estudos e inquéritos atrás mencionados aliadas à elevada exposição da população do leste ucraniano e Crimeia sugere um reforço das atitudes pró-Moscovo das populações daquelas regiões justificando as suas crenças pré-estabelecidas com o desenrolar dos eventos no terreno e respetiva cobertura mediática.

## 6. Conclusões

Neste trabalho ficou demonstrada a vontade e a capacidade de ação da Rússia na prossecução dos seus interesses, na sua esfera de influência, por meio de um conjunto alargado de ferramentas eficazes em diversos domínios, conflito militar e não militar (sociocultural, económico, religioso, legal, diplomático, *intelligence* e informação, criminal, energético e infraestrutura).

O contexto e as estruturas dos países e regiões afetadas provaram ser importantes na preparação e adaptação das operações, na sua execução, aproveitamento dos resultados e gestão das consequências locais e globais. As resposta e reação a estas operações antes, durante e após os confrontos, também permite extrair ilações de cada conflito.

No plano social e demográfico foram particularmente relevantes os grupos pró-russos na organização e materialização das reivindicações das comunidades pró-russas nas regiões estudadas, designadamente, na manifestação do seu desejo de autonomia ou independência, na não aceitação do alinhamento dos seus territórios com blocos ocidentais (OTAN, EUA e U.E.) e na violação dos seus direitos enquanto comunidade política, religiosa, linguística ou étnica.

No setor mediático verificou-se que a Rússia e seus parceiros secessionistas (no caso da Geórgia) mantinham controlo sobre os media locais e puderam influenciar a população, na Crimeia verificou-se também um forte controlo dos jornais, rádios e televisões e capacidade de transmissão da narrativa russa, quer no setor público quer privado, incluindo transmissões ilegais em ambos territórios. A população da Geórgia e a população do Centro e Ocidente da Ucrânia tinha acesso a fontes de informação não comprometidas conseguindo colocar em contexto a desinformação russa. Ainda assim, a propaganda russa foi eficaz na criação de dois campos opostos sem possibilidade de convergência nas ideias de um ou outro, contribuindo para o isolamento da população que a Rússia procurava “proteger” e o cumprimento da sua narrativa.

No plano político a desestabilização criada na Geórgia não levou à queda imediata do presidente, contudo as dificuldades económicas criadas no rescaldo da invasão criam condições para a eleição de um primeiro-ministro pró-russo em 2013. Na Ucrânia o governo interino não conseguiu fazer face às dificuldades políticas (administração pública, cargos políticos, forças de defesa e segurança dominadas por grupos pró-russos) e técnicas que a operação de ocupação criou, assim, as novas eleições resultaram na vitória do principal adversário político de Yanukovych, Petro Poroshenko. Nas zonas Leste e Sul parte significativa da população continuou a votar em candidatos afiliados com Moscovo por incentivos económicos ou sentimento de pertença ao *Mundo Russo*.

As políticas económicas e energéticas foram utilizadas com eficácia pela Rússia como ferramentas de pressão contra os dois países, no caso da Geórgia foi usada de forma

retaliatória impondo elevadas tarifas aduaneiras ou proibindo a importação de diversos produtos, enquanto na Ucrânia o uso destas políticas foi mais discriminado, com imposição de tarifas retaliatórias e aumento ou diminuição do preço do gás, atribuição de financiamento ao Estado e investimento em empresas estratégicas.

No domínio militar foi importante em ambos cenários a realização de exercícios militares planejados e surpresa como meio de pressão militar e psicológica, também a existência de bases militares nos territórios em estudo foi relevante no convencimento da população e na execução das operações militares.

No que respeita às operações cibernéticas e de ataque às infraestruturas de comunicação, podem ser identificadas várias correspondências, em ambos casos os territórios visados sofreram ataques DDoS e ataques a servidores que alojavam páginas institucionais, *websites* e serviços privados, enquanto no caso da Ucrânia vários jornais, pessoas participantes em manifestações, servidores e páginas de partidos da oposição também foram alvo. Em ambos casos os ataques foram bem-sucedidos em isolar total ou parcialmente os governos e forças armadas a informação vital, limitar ou eliminar a capacidade de comunicação criando grandes dificuldades na coordenação da defesa do território e contribuindo para o sucesso das operações russas.

A avaliação das operações estudadas não pode ser feita de forma isolada, pelo contrário, o planeamento e execução foi efetuado de forma incremental, sucedânea e com constantes melhorias operacionais. A guerra na Geórgia em 2008 permitiu comprovar a eficácia militar das tropas russas no alcance dos objetivos políticos delineados sem causar danos assinaláveis às estruturas socioeconómicas da Rússia. Os erros feitos durante esta operação puderam ser avaliados e corrigidos antes da ocupação da Crimeia onde, uma vez mais, as consequências de curto prazo para a Rússia encorajaram a sua liderança a prosseguir com o planeamento e execução de outras operações de longo prazo.

Em fevereiro de 2022 a Rússia invade novamente a Ucrânia procurando aplicar todas as lições e experiência conseguidas até à data, contudo, a magnitude e complexidade das operações, resistência do exército, população e governo ucranianos e corrupção nas estruturas militares russas impediram a conclusão rápida das operações e ergueram um desafio, até hoje, intransponível ao exército russo.

Em maio de 2024 milhares de geórgios irromperam pelas ruas em protesto contra a nova lei de agentes estrangeiros, medida que obriga ONG's e OCS que recebam mais de 20% de financiamento externo a registarem-se enquanto organizações "ao serviço de potências estrangeiras", à semelhança de uma lei aprovada na Rússia em 2012.

Neste novo capítulo em aberto Putin, recentemente reeleito para um quinto mandato, procura, por um lado, descredibilizar a nação ucraniana e afirmar que esta está intrinsecamente ligada à Rússia e, por outro, desvalorizar os efeitos do conflito militar na sociedade e economia russas enquanto reafirma o lugar da Rússia na sua esfera de influência imediata, continua a alimentar desinformação em diversas áreas (eleições e imprensa ocidentais) e desenvolve e reforça relações de poder com países e economias emergentes, com particular destaque para o continente africano.

## Referências bibliográficas

- AFP (2012). Saakashvili Restores Georgian Citizenship for Rival Ivanishvili. *Radio Free Europe*. <https://www.rferl.org/a/saakashvili-restores-georgian-citizenship-for-rival-ivanishvili/24741347.html>
- Akimenko, V., & Giles, K. (2020). Russia's Cyber and Information Warfare. *National Bureau of Asian Research*, 15(2), 67–75.
- All-Ukrainian population Census' 2001. (2001). <http://2001.ukrcensus.gov.ua/eng/results/general/nationality/Crimea/>
- Amnesty International. (2008). *Civilians in the line of Fire. The Georgian-Russia Conflict* (p. 62). Amnesty International.
- Andrew, W. (2014). *Ukraine Crisis: What it means for the West*. Yale University Press.
- Arold, U. (2016). Peculiarities of Russian Information Operations. *Estonian Journal of Military Studies*, VI : *The Crisis in Ukraine and Information Operations in the Russian Federation*(2).
- Aslund, A. (2013, dezembro 11). Ukraine crisis: Yanukovych and the tycoons. BBC. <https://www.bbc.com/news/world-europe-25323964?zephhr-modal-register>
- Baezner, M. (2018). *Hotspot Analysis: Cyber and Information warfare in the Ukrainian conflict*. Center for Security Studies.
- Baltic Surveys, & Gallup Organization. (2012). *Public Opinion Survey, Residents of Ukraine* (p. 69). International Republican Institute.
- Baltic Surveys, & Gallup Organization. (2013). *Public Opinion Survey, Residents of the Autonomous Republic of Crimea* (p. 40). International Republican Institute.
- Baltic Surveys, & Gallup Organization. (2014). *Public Opinion Survey, Residents of Ukraine* (p. 135). International Republican Institute.
- Baltic Surveys, Gallup Organization, & Rating Group. (2014). *Public Opinion Survey, Residents of Ukraine* (p. 59). International Republican Institute.
- Barker, D., Fermaint, K., & Neff, M. (2013). *The Russo-Georgia War of 2008: Information Operations Case Study Analysis* (p. 25). INTL 643 – Information Operations.
- Bateson, I. (2016, maio 11). Turning our backs on Ukraine. *Open Democracy*. <https://www.opendemocracy.net/en/odr/turning-our-backs-on-ukraine/>
- Bigus, D., Sedletska, N., Kyrylo, L., & Ferens, L. (2014, maio 24). *Owners Battle for TV Station*.
- Bispo, A. de J. (2004). A função de informar. Em *Informações e Segurança – Estudos em Honra do General Pedro Cardoso* (pp. 77–104). Prefácio.
- Blockmans, S. (2014). *How should the EU respond to Russia's war in Ukraine?* (p. 5). Centre for European Policy Studies.
- Bruusgaard, K. V. (2014). *Crimea and Russia's Strategic Overhaul*. 44(3). 15/11/2022.
- Bychenko, A., Zamiatin, V., Markevych, K., Melnyk, O., Mishchenko, M., Omelchenko, V., Pashkov, P., Pynshchulina, O., Rozumnyy, O., Stetskiv, A., Sunhrovskiy, M., Chekunova, S., Shangina, L., & Yurchyshyn, V. (2021). *Ukraine: 30 Years on the European Path*. Konrad-Adenauer-Stiftun.

- Cain, G. (2019, março 29). *Ukraine's War on Russian Disinformation Is a Lesson for America*. <https://newrepublic.com/article/153415/ukraines-war-russian-disinformation-lesson-america>
- Carbonnel, A. (2014, março 12). *How the separatists delivered Crimea to Moscow*. <https://www.reuters.com/article/us-ukraine-crisis-russia-aksyonov-insigh-idUSBREA2B13M20140312>
- Cecire, M. (2014, março 11). The Georgian defense. *Foreign Poicy*. <https://foreignpolicy.com/2014/03/11/the-georgian-defense/>
- Chicky, J. (2009). *The Russian-Georgian War: Political and Military Implications for U.S. Policy* (p. 19). Central-Asia Caucasus Institute Silk Road Studies Program.
- Cohen, A., & Hamilton, R. E. (2011). *The Russian Military and the Georgia War: Lessons and Implications* (p. 115). US Army War College Press.
- Comissão Europeia. (2020). *Comunicação da Comissão ao Parlamento Europeu, ao Conselho, ao Comité Económico e Social Europeu e ao Comité das Regiões sobre o plano de ação para a democracia europeia*.
- Cornell, S., & Starr, S. F. (2009). *The guns of August 2008: Russia's War in Georgia*. Central Asia-Caucasus Institute & Silk Road Studies Program Joint Center.
- Covington, S. (2019). The Culture of Strategic Thought behind Russia's Modern Approaches to War. Em *Nato at 70 and the Baltic States: Strengthening the Euro-Atlantic alliance in an Age on Non-Linear Threats*. Baltic Defence College.
- Craig Nation, R. (2007). *Russia, the United States, and the Caucasus* (p. 48).
- Daisy, S. (2013, julho 29). Moscow's Latest War On Good Taste: No To Ukrainian Chocolate. *Radio Free Europe*. <https://www.rferl.org/a/russia-ukrainian-chocolate-ban/25060451.html>
- Darczewska, J. (2014, maio). The anatomy of Russian information warfare the Crimean operation, a case study. *Point of View*, 42, 37.
- Dawn. (2013, agosto 17). Russia denies waging 'trade war' against Ukraine. *Dawn*. 29/01/2023. <https://www.dawn.com/news/1036319>
- DeBenedictis, K. (2022). *Russian 'Hybrid Warfare' and the Annexation of Crimea. The Modern Application of Soviet Political Warfare*. Bloomsbury Publishing Plc.
- Demarest, G. (2009). *Property and Peace: Insurgency, Strategy and the Statute of Frauds*. Foreign Military Studies Office.
- Fischer, S. (2014, março). Escalation in Ukraine. *German Institute for International and Security Affairs, SWP(17)*, 4.
- Freedom of the Net 2014* (pp. 827–840). (2015). Freedom House.
- Freedom of the Press 2009* (annual survey of press freedom) (2010). Freedom House.
- Freixo, M. J. V. (2011). *Metodologia Científica: Fundamentos, Métodos e Técnicas*. 3ª ed. Lisboa: Instituto Piaget.
- Galleoti, M. (2019a). *Russian Political War: Moving Beyond the Hybrid* (1.a ed.). Routledge.

- Galleoti, M. (2019b). *Russian Political War: Moving beyond the Hybrid* (Routledge). Routledge/Taylor & Francis Group.
- Gaspar Jorge, T. F. (2014). *Media's symbolic power: RT and The Guardian' discursive construction of the Euromaidan protests and Crimean occupation*. Aalborg University.
- Gasparyan, A. (2014, julho 13). *Interview: I Was A Separatist Fighter In Ukraine* [Entrevista]. <https://www.rferl.org/a/ukraine-i-was-a-separatist-fighter/25455466.html>
- Geers, K. (Ed.). (2015). *Cyber war in perspective: Russian aggression against Ukraine*. NATO Cooperative Cyber Defence Centre of Excellence.
- Genté, R. (2008). Des Révolutions Mediatiques. *Hérodote*, 129, 37–68.
- Georgian National Study*. (2008). International Republican Institute.
- German, T. (2006). *Abkhazia and South Ossetia: Collision of Georgian and Russian Interests*. Institut Français des Relations Internationales. <https://www.ifri.org/sites/default/files/atoms/files/germananglais.pdf>
- Giles, K. (2015). *Russia's Hybrid Warfare: A Success in Propaganda* (1). Conflict Studies Research Centre.
- Giles, K., & Seaboyer, A. (2019). *The Russian Information Warfare Construct* (p. 33). Royal Military College of Canada.
- Global Engagement Center. (2022). *O papel da RT e da Sputnik no ecossistema de desinformação e propaganda da Rússia* (p. 37). Global Engagement Center. <https://www.state.gov/report-rt-and-sputniks-role-in-russias-disinformation-and-propaganda-ecosystem/>
- Grytsenko, O. (2016, novembro 11). Novinsky's Orthodox ways. *Kyiv Post*. <https://archive.kyivpost.com/ukraine-politics/novinskys-orthodox-ways.html>
- Gusev, L. (2015). The economic relations between Ukraine and Russia at the present stage. *Ante Portas – Studia nad Bezpieczeństwem*, 2, 131–135.
- Harris, S. (2014). *Hack Attack. Russia's first targets in Ukraine: Its cell phones and Internet lines*. Foreign Policy. <https://foreignpolicy.com/2014/03/03/hack-attack/>
- Hedenskog, J. (2008). *Crimea after the Georgian Crisis* (FOI-R--2587--SE; p. 71). Swedish Defence Research Agency. <https://www.foi.se/rest-api/report/FOI-R--2587--SE>
- Hewitt, G. (2008, junho). The Georgian-Abkhazian Conflict: Why Independence for Abkhazia is the Best Solution. *EurAsia Critic*. <https://abkhazworld.com/aw/analysis/5-independence-best-solution>
- Hollis, D. (2011). *Cyberwar Case Study: Georgia 2008* (p. 10). Small Wars Foundation. <https://smallwarsjournal.com/jrnl/art/cyberwar-case-study-georgia-2008>
- Iasiello, E. J. (2017). *Russia's Improved Information Operations: From Georgia to Crimea* (2; The US Army War College Quarterly, p. 15). The US Army War College.
- IIFFMCG. (2009). *Independent International Fact-Finding Mission on the Conflict in Georgia* (p. 701). <https://casebook.icrc.org/case-study/georgiarussia-independent-international-fact-finding-mission-conflict-south-ossetia>
- International Crisis Group. (2006). *Abkhazia Today* (176; Europe Report, p. 36). International Crisis Group.

- Jankowicz, N. (2020). *How to Lose the Information War* (I.B.TAURIS). Bloomsbury Publishing Plc.
- John, B., & Scott, B. (2009). *Overview by the US-CCU of the Cyber Campaign against Georgia in August of 2008* (p. 9). U.S. Cyber Consequences Unit.
- Jonavicius, L. (2009). Why Ukraine and Georgia have not used the «window of opportunity»? *Universidad Complutense de Madrid*, 19, 12–37.
- Jones, S. (2013). *Georgia: A political history since independence*. I.B.TAURIS.
- Jones, S. F. (2010). *War and the Revolution in the Caucasus* (1.a ed.). Routledge.
- Keating, J. (2013, fevereiro 1). Crimean Foreshadowing. *Slate*. <https://slate.com/news-and-politics/2014/03/the-wikileaks-cables-that-anticipated-the-russian-invasion-of-crimea.html>
- Kennan, G. F. (1948). *The Inauguration of Organized Political Warfare* (<https://digitalarchive.wilsoncenter.org/document/114320>). Digital Archive; Digital Archive. <https://digitalarchive.wilsoncenter.org/document/114320.pdf?v=94>.
- Kivirähk, J., Maliukevičius, N., Kondratenko, D., Yermeev, O., Vrabie, R., Dvaradiani, N., Tsatsanashvili, M., Bachiasvili, N., Pkhaladze, T., Pelnēns, G., Kudors, A., Paparinskis, M., Dimants, A., & Lerhis, A. (2010). *The «humanitarian dimension» of Russian foreign policy towards Georgia, Moldova, Ukraine and the Baltic States* (G. Pelnēns, Ed.).
- Korns, S. W., & Kastenber, J. E. (2008). *Georgia's Cyber Left Hook* (4; Parameters 38, p. 18). US Army War College Press.
- Krag, H., & Lunch, L. (1994). *The North Caucasus: Minorities at a Crossroads* (p. 48). Minority Rights Group; 1 897693 70 2.
- Kucera, J. (2014, dezembro 11). *U.S. Intelligence: Russia Sabotaged BTC Pipeline Ahead Of 2008 Georgia War*. <https://eurasianet.org/us-intelligence-russia-sabotaged-btc-pipeline-ahead-of-2008-georgia-war>
- Kukkola, J., Ristolainen, M., & Nikkarila, J.-P. (2019). *Game Player: Facing the structural transformation of cyberspace*. Finnish Defence Research Agency Publications.
- Lange-Ionatamišvili, E. (2015). *Analysis of Russia's Information Campaign against Ukraine*. COE Riga.
- Lavrov, A. (2010). Timeline of Russian-Georgian Hostilities in August 2008. Em V. Tseluiko (Ed.), *The tanks of August* (1.a ed.). Centre for Analysis of Strategies and Technologies.
- Levada Center. (2015). *Russian Sociology of the ukrainian conflict*. Levada Center. <https://www.levada.ru/2015/08/27/rossijskaya-sotsiologiya-ukrainskogo-konflikta/>
- Levin Jaitner, M. (2015). Russian Information Warfare: Lessons from Ukraine. Em K. Geers (Ed.), *Cyber war in perspective: Russian aggression against ukraine*. NATO Cooperative Cyber Defence Centre of Excellence.
- Llobet, A., & Popov, M. (2014, outubro 7). *Leader Of Putin's Favorite Biker Gang: «We Consider Ourselves Part Of The Army Of Russia»*. <https://www.businessinsider.com/afp-russias-night-wolves-ride-for-the-motherland-2014-10?r=US&IR=T>

- Lokot, T. (2014, março 5). Ukraine's Activists Debunk Russian Myths on Crimea. *Global Voices*. <https://globalvoices.org/2014/03/05/ukraines-activists-debunk-russian-myths-on-crimea/>
- Lucas, E. (2019). The Whole Story: Towards a Dynamic and Comprehensive Analysis of Russian Influence Operations. Em *Nato at 70 and the Baltic States: Strengthening the Euro-Atlantic alliance in an Age on Non-Linear Threats*. Baltic Defence College.
- Lukichev, V. L. (2022). *Armed conflict in Ukraine: Chronological timeline of the implementation of the Minsk agreements* (p. 93). Geneva Centre for Security Sector Governance.
- Maigre, M. (2008). Crimea – *The Achilles' Heel of Ukraine*. International Centre for Defence Studies.
- Makhmut Akhmetovich, G. (1998). *If War Comes Tomorrow?: The Contours of Future Armed Conflict (Soviet Russian Military Theory and Practice)*. Routledge.
- Markoff, J. (2008, agosto 12). Before the Gunfire, Cyberattacks. *The New York Times*. <https://www.nytimes.com/2008/08/13/technology/13cyber.html>
- Matsaberidze, D. (2015). Russia vs. EU/US through Georgia and Ukraine. *Connections*, 14(2), 77–86.
- Mearsheimer, J. J. (2014, setembro). Why the Ukraine Crisis Is the West's Fault. *Foreign Affairs*. <https://www.mearsheimer.com/wp-content/uploads/2019/06/Why-the-Ukraine-Crisis-Is.pdf>
- Menon, R., & Rumer, E. (2015). *Conflict in Ukraine The Unwinding of the Post–Cold War Order* (Boston Review Books&The MIT Press). The MIT Press.
- Merry, E. W. (2016). The Clash of Russian and European “Civilizational Choices” for Ukraine. Em *Roots of Russia's War in Ukraine* (Woodrow Wilson International Center for Scholars). Woodrow Wilson Center Press & Columbia University Press 2016.
- Mitchell, L., & Cooley, A. (2014, junho 16). Learning from Crimea. *Foreign Policy*. <https://foreignpolicy.com/2014/06/16/learning-from-crimea/>
- Mizrokhi, E. (2009). *Russian 'separatism' in Crimea and NATO: Ukraine's big hope, Russia's grand gamble* (p. 24). Institut québécois des hautes études internationales.
- Moore, K., & Butorin, P. (2013, dezembro 4). *From Maidan To Berkut: A Ukraine Protest Glossary*.
- Moser, M. (2023, fevereiro 16). The Languages of Ukraine and the War for Russian “Compatriots”. *Tr@nsit Online*. <https://www.iwm.at/transit-online/the-languages-of-ukraine-and-the-war-for-russian-compatriots>
- Novikova, L. (2014). *Ukraine, Russia, Belarus—Mutual Assessments of the Population*. Kyiv International Institute of Sociology. <https://www.kiis.com.ua/?lang=ukr&cat=reports&id=345&page=41&t=3>
- Novitchkova, A., Tomak, M., Valko, S., & Cooper, V. (2015). *When God Becomes the weapon*. Center for Civil Liberties and International Partnership. [https://ccl.org.ua/wp-content/uploads/2013/07/When-God-Becomes-The-Weapon\\_6May2015\\_closed-for-editing.pdf](https://ccl.org.ua/wp-content/uploads/2013/07/When-God-Becomes-The-Weapon_6May2015_closed-for-editing.pdf)

- Onuch, O. (2014, janeiro 2). Social networks and social media in Ukrainian “Euromaidan” protests. *The Washington Post*. <https://www.washingtonpost.com/news/monkey-cage/wp/2014/01/02/social-networks-and-social-media-in-ukrainian-euromaidan-protests-2/>
- Pakharenko, G. (2015). Cyber Operations at Maidan: A First-Hand Account. Em *Cyber war in perspective: Russian aggression against Ukraine*. NATO Cooperative Cyber Defence Centre of Excellence.
- Peisakhin, L., & Rozenas, A. (2018). Electoral Effects of Biased Media: Russian Television in Ukraine. *American Journal of Political Science*, 62(3), 535–550.
- Pomerantsev, P., & Weiss, M. (2014). *The Menace of Unreality: How the Kremlin Weaponizes Information, Culture and Money* (p. 44). Institute of Modern Russia. <https://www.interpretermag.com/the-menace-of-unreality-how-the-kremlin-weaponizes-information-culture-and-money/>
- Popescu, N., & Wilson, A. (2009). *The Limits of Enlargement -lite: European and Russian Power in the Troubled Neighbourhood*. European Council on Foreign Relations.
- Rácz, A. (2015). *Russia’s Hybrid War in Ukraine: Breaking the Enemy’s Ability to Resist*. The Finnish Institute of International Affairs.
- Ranvier, M. (2012, maio 11). Géorgie: Mais qui est cet étrange oligarque franco-russe? *Huffpost*. [https://www.huffingtonpost.fr/actualites/article/georgie-mais-qui-est-cet-etrange-oligarque-franco-russe\\_4200.html](https://www.huffingtonpost.fr/actualites/article/georgie-mais-qui-est-cet-etrange-oligarque-franco-russe_4200.html)
- Rid, T. (2021). *Active measures: The secret history of disinformation & political warfare* (1.a ed.). Profile books.
- Roszbach, A. (2018, maio 29). *Meet the Kremlin’s keyboard warrior in Crimea* [CODA]. <https://www.codastory.com/disinformation/armed-conflict/meet-the-kremlins-keyboard-warrior-in-crimea/>
- Ruchel, B. (2014, fevereiro 8). No Russian Aid to Ukraine If Gas Bill Unpaid—Minister. *Sputnik*. <https://sputniknews.com/20140208/No-Russian-Aid-to-Ukraine-If-Gas-Bill-Unpaid---Minister-187343927.html>
- Rybak, V. (2018, janeiro 31). Yes, Ukraine’s Oligarchs Own the Airwaves, but Their Days Are Numbered. *Kharkiv Human Rights Protection Group*. <https://khp.org/en/1517345032>
- Ryzhkov, V. (2014, 03). The Kremlin’s War Propaganda. *The Moscow Times*. <https://www.themoscowtimes.com/2014/03/24/the-kremlins-war-propaganda-a33284>
- Santos Pereira, C. (2014). Ucrânia: Crónica de uma crise anunciada. *Revista de Ciências Militares*, II(2), 337–359.
- Schachtman, N. (2009, março 11). Top Georgian Official: Moscow Cyber Attacked Us – We Just Can’t Prove It. *wired*. <https://www.wired.com/2009/03/georgia-blames/>
- Seely, R., & Jonsson, O. (2015, março 18). Russian Full-Spectrum Conflict: An Appraisal After Ukraine. *The Journal of Slavic Military Studies*, 22.
- Service, R. (2020). *Russia: From Tsarism to the Twenty-First Century* (5.a ed.). Penguin Random House.

- Seskuria, N. (2021). *Russia's "Hybrid Aggression" against Georgia: The Use of Local and External Tools* (CSIS Understanding the Russian Military Today, p. 5). Center for Strategic and International Studies.
- Shanghina, L., Klymenko, V., Chernova, A., & Stetskiv, A. (2015). *Ukraine 2014-2015: Overcoming challenges (assessments)*. [https://razumkov.org.ua/2014-2015\\_Pidsumky](https://razumkov.org.ua/2014-2015_Pidsumky)
- Shanghina, L., Yakymenko, Y., Bychenko, A., Zamyatin, V., Melnyk, O., Melnyk, M., Mishchenko, M., Musiyaka, V., Omelchenko, V., Pashkov, M., Sidenko, V., Sokolova, D., Sungurovsky, M., & Yurchishin, V. (2014). *Ukraine-2013: New perspectives and new threats*.
- Shuster, S. (2014, abril 12). Meet the Cossack «Wolves» Doing Russia's Dirty Work in Ukraine. *Time*. <https://time.com/95898/wolves-hundred-ukraine-russia-cossack/>
- Snyder, T. (2014, fevereiro 26). Dear Kremlin: Careful with Crimea. *Foreign Policy*. <https://foreignpolicy.com/2014/02/26/dear-kremlin-careful-with-crimea/>
- Szostek, J. (2014). *The Media Battles of Ukraine's EuroMaidan* (p. 19). University College London.
- The August War South Ossetia 2008*. How it all happened. (2021, agosto 7). <https://express.adobe.com/page/ML1mtBZVA5jkM/>
- Thomas, T. (2015). *Russian Military strategy*. Foreign Military Studies Office.
- TI Georgia. (2009). *Television in Georgia—Ownership, Control and Regulation* (p. 21). Transparency International - Georgia.
- Tikk, E., Kaska, K., & Vihul, L. (2010). *International Cyber Incidents: Legal Considerations*. Cooperative Cyber Defence Centre of Excellence (CCD COE).
- Tseluiko, V. (2010). *The tanks of August* (1.a ed.). Centre for Analysis of Strategies and Technologies.
- Tsipis, S. (2014, abril 5). *The Ukrainian crisis – a cyber warfare battlefield* [The Institute for National Security Studies]. [https://defense-update.com/20140405\\_ukrainian-crisis-cyber-warfare-battlefield.html#.U-CGYb7j-Uk](https://defense-update.com/20140405_ukrainian-crisis-cyber-warfare-battlefield.html#.U-CGYb7j-Uk)
- Ukrainska Pravda. (2014, abril 3). Nalyvaichenko suspects FSB involved in massacres in Kyiv. *Ukrainska Pravda*. <https://www.pravda.com.ua/rus/news/2014/04/3/7021237/>
- Umbach, F. (2013, outubro 7). *Tensions Threaten Long Standing Natural Gas Partnership between EU and Russia*. <https://oilprice.com/Energy/Natural-Gas/Tensions-Threaten-Long-Standing-Natural-Gas-Partnership-between-EU-and-Russia.html>
- United States Department of State. (2016). *2015 Country Reports on Human Rights Practices—Ukraine (Crimea)*. United States Department of State. <https://www.refworld.org/docid/571611ef15.html>
- Vincent, F. (2021, janeiro 12). Bidzina Ivanichvili, l'homme fort de la Géorgie, se retire de la vie politique. *Le Monde*. [https://www.lemonde.fr/international/article/2021/01/12/bidzina-ivanichvili-l-homme-fort-de-la-georgie-se-retire-de-la-vie-politique\\_6065979\\_3210.html](https://www.lemonde.fr/international/article/2021/01/12/bidzina-ivanichvili-l-homme-fort-de-la-georgie-se-retire-de-la-vie-politique_6065979_3210.html)
- Volkov, D. (2015). *Supporting a War that isn't: Russian Public Opinion and the Ukraine Conflict* (Eurasia in Transition). Carnegie Endowment for International Peace. <https://carnegiemoscow.org/commentary/61236>

- Vorobiov, I. (2014, janeiro 21). Guest post: Ukraine's oligarchs distance themselves from the protest movement. *Financial Times*. <https://www.ft.com/content/bbb6b41f-da91-30c6-93cf-cb5a3b8f0693>
- Weber, M. (1978). *Economy and Society: An outline of interpretive sociology*. University of Berkeley Press.
- Wood, E. A., Pomeranz, W. E., Merry, E. W., & Trudolybov, M. (2016). *Roots of Russia's War in Ukraine* (Woodrow Wilson International Center for Scholars). Woodrow Wilson Center Press & Columbia University Press 2016.
- Yuhas, A. (2014, março 17). Russian propaganda over Crimea and the Ukraine: How does it work? *The Guardian*. <https://www.theguardian.com/world/2014/mar/17/crimea-crisis-russia-propaganda-media>
- Zinets, N., & Vasovic, A. (2022, fevereiro 25). Missiles rain down around Ukraine [Reuters]. *Reuters*. Missiles rain down around Ukraine
- Zuckerman, E. (2008, agosto 16). Misunderstanding cyberwar. *Ethan Zuckerman*. <https://ethanzuckerman.com/2008/08/16/misunderstanding-cyberwar/>
- КУЗЯКИН, Н. (2014, janeiro 20). «КРЕЩЕНИЕ ОГНЕМ». ГЛАВНЫМ ПРОПАГАНДИСТОМ ВЛАСТИ СТАНОВИТСЯ «ИНТЕР». ДЕТЕКТОР МЕДИА. <https://detector.media/shchodenni-telenovini/article/164502/2014-01-20-kreshchenye-ognem-glavnym-propagandystom-vlasty-stanovytsya-ynter/>
- САРУХАНОВ, П. (2015, fevereiro 24). ПРЕДСТАВЛЯЕТСЯ ПРАВИЛЬНЫМ ИНИЦИИРОВАТЬ ПРИСОЕДИНЕНИЕ ВОСТОЧНЫХ ОБЛАСТЕЙ УКРАИНЫ К РОССИИ. НОВАЯ ГАЗЕТА. <https://novayagazeta.ru/articles/2015/02/24/63168-171-predstavlyaetsya-pravilnym-initsirovat-prisoedinenie-vostochnyh-oblastey-ukrainy-k-rossii-187>